UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Sandra Regina Ramos Braz

As noções de sucesso e fracasso entre jovens estudantes: ideologia e mundo profissional.

(versão corrigida)

São Paulo

2021

SANDRA REGINA RAMOS BRAZ

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Antonio Euzébios Filho

São Paulo

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PEQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ramos Braz, Sandra Regina

As noções de sucesso e fracasso entre jovens estudantes: ideologia e mundo profissional/ Sandra Regina Ramos Braz; orientador Antonio Euzébios Filho – São Paulo, 2021.

97 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Sucesso. 2. Fracasso. 3. Jovens. 4. Ideologia. 5. Trabalho. I. Euzébios Filho, Antonio, orient. II. Título.

Nome: Braz, Sandra Regina Ramos

Título: As noções de sucesso e fracasso entre jovens estudantes: ideologia e mundo profissional.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências (Área de Concentração: Psicologia Social).

Aprovada em: 20 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Euzébios Filho – orientador

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Luiz Roberto Paiva de Faria
UNIFIEO – Centro Universitário

Prof. Dr. Silvio Duarte Bock
NACE - Núcleo de Atendimento e Consultoria em Educação.

O Tempo

Que diremos, pois, dos dias atuais?
Que mudanças se poderão contar sobre o tempo?
Ainda nos deparamos com o tempo de nascimento e tempo de falecimento;
tempo de investimentos e tempo de resultados dos investimentos;
tempo de estarmos juntos e tempo de não estarmos juntos.
São diferentes tipos de tempos,
mas nos mais diferentes tempos,
temos o homem como mentor de sua história.
E na história, a escrita não coaduna com a cronologia,
pois, o tempo cronológico não assegura os sentimentos e emoções
que avassalam em tempos e fora de tempos.
Vivemos dias de choro, de perda, de isolamento e
distanciamento no tempo determinado pelo vírus do afastamento.
Como estabelecer tempo, em tempos de isolamento?
Somos autores de nossas histórias,
mas não somos mentores da ordem dos atravessamentos.
Por isso, pensar no tempo é poder discernir o tempo de investimento,
é poder decidir em tempos as escolhas de maior sentido;
e os investimentos no tempo de isolamento,
quem sabe, poderão proporcionar um tempo de crescimento!

Autora: Sandra Regina Ramos Braz

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Laura Catan Ramos Braz, Assaph Catan Ramos Braz e Emmanuelle Ramos Braz Ledoux, meus sobrinhos, todo o meu amor, e que nos dias vindouros tenham a garantia de uma trajetória educacional de base democrática e com humanidade.

AGRADECIMENTOS

Inicio minha gratidão a Deus, onde encontro refrigério espiritual, e agradeço à minha família: Francisca Ramos Braz, minha mãe, Roselane Ramos Braz, Ivonete Braz Catan e Isolda Ramos Braz Ledoux minhas irmãs, Ormendes Ramos Braz minha tia, Harrison Ledoux e Phillippe Catan meus cunhados, por cada momento trilhado nesta trajetória de construção regado com amor, compreensão, paciência, suporte, etc., pois não foram dias só de satisfações e êxitos, mas também de desafios, os quais foram vencidos conjuntamente.

Gratidão à Laila Cristina Rangel, maninha do coração, pela atenção, preocupação, inúmeras ajudas em meio ao caos da 'internet' e ausência de conexão, pelo cuidado no preparo do almoço, dos momentos de descontrações.

Gratidão àqueles que não são ligados por laços sanguíneos, mas ocupam um lugar especial em minha história de vida, foram importantes nesta caminhada e puderam contribuir de diferentes maneiras, sejam em palavras de incentivos, escutas, sugestões de textos/bibliografias, leituras da minha escrita, correções, críticas, disponibilidade de tempo, e tantos outros adjetivos que não caberiam aqui. Guilherme Pogibin, Muriel Motta de Oliveira, Carlos Eduardo Mendes, Roberto Guerreiro, Eliel Borges, obrigada por todo apoio.

Ao Coletivo da Pós do IPUS que lindamente acolheu os ingressantes com tanta maestria, dedicação, afeto e disponibilidade, e aos representantes discentes Rodolfo, Henrique e Gabriela que pacientemente apresentaram a estrutura, dinâmica e espaço de discussão aos pós-graduandos.

Aos bibliotecários da Biblioteca Dante Moreira Leite que gentilmente organizavam cursos, providenciavam materiais de outras instituições, contribuindo com o saber.

Ao Grupo de Estudo Gepsipolim - EACH por todas as contribuições, suporte e carinho.

Aos colegas que dividiram um tempo de descontração no horário do café, almoço, jantar e comemorações pós calendário universitário.

Aos professores Antonio Euzébios Filho e Alessandro Soares da Silva pelas reflexões, encaminhamentos e construções.

Aos docentes que, por intermédio das disciplinas, contribuíram com o estudo através de discussões e sugestões bibliográficas.

Ao Instituto de Psicologia que se organizou durante o período pandêmico para haver andamento dos trabalhos com segurança, e possibilitando os recursos necessários para atender as demandas que iam surgindo cotidianamente. Gratidão às secretárias e funcionários.

RESUMO

Braz, S. R. R. (2021). *As noções de sucesso e fracasso entre jovens estudantes: ideologia e mundo profissional*. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A pesquisa teve como objetivo analisar as noções de sucesso e fracasso profissional de jovens estudantes, com idades entre 18 e 25 anos, refletindo sobre como elaboram as trajetórias de estudo e de trabalho, perspectivas para o futuro e atravessamentos de gênero, raça e classe social. Em um diálogo crítico entre autores da Psicologia Social e da Educação, buscou-se refletir, teoricamente, sobre as noções de sucesso e fracasso no cenário neoliberal no mundo do trabalho e na formação educacional, e como elas contribuem para individualizar fenômenos sociais, reforçar a meritocracia individualista e culpabilizar os indivíduos isolados pelo sucesso e fracasso, sendo estes configurados pelo modo de vida liberal. Com isto, interrogou-se em relação à contribuição do psicólogo frente à ideologia do sucesso e para superação das desigualdades sociais. Para a análise das informações coletadas em uma entrevista semi-estruturada, optou-se pela metodologia construtivo-interpretativa. O resultado indica, em geral, dificuldades de compreensão dos participantes referente ao pano de fundo sócio-histórico neoliberal como atravessador para uma construção de projeto de vida de futuro. Eles apresentaram uma tendência a compreender que apenas por esforços próprios é possível alcançar sucesso e a saída da condição de fracasso. Importante observar também as contradições que estão presentes nas narrativas e que demonstram a complexidade do processo de conscientização: se por um lado alguns participantes afirmam que o sucesso depende do esforço individual, corroborando a perspectiva naturalizante da ideologia neoliberal, por outro a questão do gênero é refletida de maneira crítica, sendo reconhecido o machismo como elemento histórico e estrutural que promove a divisão sexual (e desigual) do trabalho. A mesma percepção histórica parece estar presente na questão da racialidade.

Palavras-chave: Sucesso, Fracasso, Jovens, Ideologia, Trabalho.

ABSTRACT

Braz, S. R. R. (2021). *The notions of success and failure among young students: ideology and the professional world.* 95f. Dissertation (Masters in Psychology). Institute of Psychology, University de São Paulo, São Paulo.

The research aimed to analyze the notions of success and professional failure of young students, aged between 18 and 25 years, reflecting on how they elaborate their study and work trajectories, perspectives for the future and crossings of gender, race and social class. In a critical dialogue between authors of Social Psychology and Education, we sought to theoretically reflect on the notions of success and failure in the neoliberal scenario in the world of work and educational training and how they contribute to individualizing social phenomena, reinforcing individualist meritocracy and blaming isolated individuals for success and failure which are configured by the liberal way of life. With this, he questioned himself in relation to the psychologist's contribution to the ideology of success and to overcoming social inequalities. For the analysis of the information collected in a semi-structures interview, the constructive-interpretive methodology was chosen. The result indicates, in general, difficulties in understanding regarding the neoliberal socio-historical background as intermediary for the construction of a life project for the future. They showed a tendency to understand that only through their own efforts it is possible to achieve success and to get out of the condition of failure. Still, it is interesting to observe the contradictions that are present in the narratives and that demonstrate the complexity of the awareness process: if, on the one hand, some participants affirm that success depends on individual effort, corroborating the naturalizing perspective of neoliberal ideology, on the other hand, the question of gender is critically reflected, with machismo being recognized as a historical and structural element that promotes the sexual (and unequal) division of labor. The same historical perception seems to be present in the question of raciality.

Keywords: Success, Failure Youth, Ideology, Work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem A – Homem Negro 95

Figura 2: Imagem B – Homem Branco 95

Figura 2: Imagem C – Mulher Branca 95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos participantes (Google Forms)……..... 52
Quadro 2 – Perfil acadêmico dos participantes (Google Forms)…….. 53
Quadro 3 – Perfil Renda Familiar (Google Forms)…….. 53
Quadro 4 – Perguntas dissertativas afirmativas (Google Forms)……. 54
Quadro 5 – Perguntas referentes ao sucesso e fracasso profissional (Entrevista)…….56
Quadro 6 – Pergunta referente as imagens dos personagens (Entrevista) ……... 57

LISTA DE SIGLAS

APP – application - aplicativo

COVID-19 – Coronavírus 19 sars-CoV-2

EDUCAFRO – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes

GOOGLE FORMS - Formulários

MEC – Ministério da Educação e Cultura

P1 – Participante 1

P2 – Participante 2

P3 – Participante 3

P4 – Participante 4

P5 – Participante 5

P6 – Participante 6

TV - Televisão

WHAT'S APP – application program – aplicativo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**

CAPÍTULO 1 ..... **23**

AS NOÇÕES DE SUCESSO E FRACASSO COMO IDEOLOGIA (NEO)LIBERAL: IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DOS SUJEITOS **23**

1.1 A ideologia neoliberal: as noções de sucesso e fracasso na atualidade 23

1.2 O conceito fracasso escolar: a materialização da ideologia do sucesso e do fracasso na formação 30

1.3 A meritocracia e a questão racial como obstáculo para o sucesso profissional 37

CAPÍTULO 2 ..... **42**

UMA PSICOLOGIA DE PERSPECTIVA CRÍTICA DE ENFRENTAMENTO À NOÇÃO LIBERAL DO FRACASSO **42**

CAPÍTULO 3 ..... **49**

MÉTODO **49**

3.1 Considerações metodológicas 49

3.2 Participantes 51

3.3 Procedimento de coleta de dados 53

3.4 Procedimento de análise 58

CAPÍTULO 4 ..... **59**

RESULTADOS **59**

Unidade de sentido 1 — Noções de sucesso e fracasso **59**

Unidade de sentido 2 – Aplicabilidade do gênero no mundo do trabalho **64**

Unidade de sentido 3 – Influência das mídias para a escolha da profissão **67**

Unidade de sentido 4 – Racialidade no trabalho e seu impacto na contratação **69**

CAPÍTULO 5 ..... **72**

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS **72**

5.1 Unidade de sentido Noções de Sucesso e Fracasso Profissional 73

5.2 Unidade de sentido Aplicabilidade do Gênero no Mundo do Trabalho.....78

5.3 Unidade de sentido Influência das Mídias.....81

5.4 Unidade de sentido Racialidade no Trabalho 82

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....85

REFERÊNCIAS 90

ANEXOS 95

ANEXO A - FIGURAS 95

ANEXO B 96

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....96

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de discutir as noções de sucesso e fracasso profissional a partir da compreensão de jovens estudantes de diferentes regiões brasileiras, aproximando suas perspectivas referentes ao futuro considerando possíveis atravessamentos de gênero, raça e classe social.

O interesse pela discussão relacionado ao mundo do trabalho e ao sucesso e fracasso profissional amadureceu durante o curso de psicologia, mas anterior à graduação existiam elementos dos quais atravessaram minha trajetória educacional, submetendo-me as crenças de que não havia possibilidade para realizar um projeto de futuro e vida profissional desejados.

Ao realizar estágio na Educafro, durante a graduação, percebi o quão importante era possibilitar aos jovens pobres e negros, a oportunidade de eles recorrerem ao espaço de Orientação Profissional (O.P.), como espaço de reflexão crítica sobre o universo laboral e o contexto social e econômico. A experiência de estágio demonstrou a importância da O.P. para que os jovens pudessem recontar para si mesmos suas próprias histórias, revisitar experiências vividas no passado, e, com o compartilhamento destas, pudessem encontrar dentro de si respostas para seus questionamentos em relação ao caminho profissional que desejassem trilhar e as vias possíveis para se chegar ao ensino superior, sustentados no fazer psicológico.

Adentrando ao universo da psicologia social do trabalho, notei existir algumas instituições na cidade de São Paulo que oferecem serviços gratuitos de atendimento psicológico e de O.P. à população pobre, como universidades públicas e clínica-escolas, por exemplo. Porém, ainda assim, isso não é garantia de que essa parcela da sociedade está tendo acesso aos serviços, devido a diferentes fatores como, por exemplo, financeiro (dinheiro para o deslocamento, pois o lugar de atendimento é distante de onde a pessoa mora), comunicação (os serviços muitas vezes não são divulgados da melhor forma para se atingir o seu público alvo), pertencimento e representatividade (devido a uma falta de conhecimento sobre o tema e a preconceitos arraigados a sociedade contemporânea, onde, muitas vezes, o indivíduo pobre não se sente no direito de ser assistido nessa área, por pertencer a uma classe social diferente dos que geralmente usufruem desse benefício e também, ao se ver em uma sessão de atendimento, esse indivíduo não consegue se reconhecer, se ver representado no rosto dos demais pacientes e profissionais que ali estão. Eles não possuem o mesmo tom de pele que o seu, textura de

cabelo, ou outros fatores que podem influenciar em seu julgamento de pertencimento e representatividade).

Sendo assim, discutir sobre a problemática do não acesso aos direitos de apoio social e psicossocial a esses atores, não apenas é importante para se pensar a implementação do serviço psicológico, mas também sobre como se dará esse acesso (Melo-Silva, Munhoz & Leal, 2019; Sousa, 2019).

Minha história de vida é marcada pela história dos meus pais, que, desenraizados de sua terra natal, iniciaram trajetória de luta e esforços para garantir a minha educação escolar e minha formação pessoal e intelectual.

Meus pais, [1]migrantes da região nordeste do país, ao chegarem em São Paulo não foram poupados de várias formas de discriminação, e, assim como muitos nordestinos e população negra, também não foram isentos do sistema de precarização de trabalho. Vieram com perspectiva de obter melhores oportunidades de trabalho e melhor condição de vida, porém em função dessa precarização, a opção imposta a eles foi a moradia em bairros periféricos, o emprego informal e pouco acesso à educação escolar.

Essas experiências suscitaram neles esforços para as suas filhas acessarem aos estudos, para que, a partir do conhecimento, elas pudessem ter um desfecho melhor no mundo do trabalho.

No que se refere à minha trajetória pessoal, houve um hiato entre conclusão de minha formação escolar básica (ensino fundamental I e II, e ensino médio) e minha inserção ao mundo do trabalho, pois, para além das exigências de conhecimentos específicos, estava a questão racial. Ou seja, a formação escolar não era suficiente para garantir um emprego com bons benefícios, pois, além disso, exigia-se ‘boa aparência’, termo esse utilizado sem muita clareza e muitas vezes traduzido de forma experiencial, como sendo o uso de um determinado estilo de roupa e/ou boa comunicação sem uso de gírias (linguagem informal, expressões metafóricas, jocosas).

A questão racial como impeditivo de inserção no mercado de trabalho formal, no meu caso, em uma instituição bancária privada, ficou muito clara quando, após ser aprovada em uma

---

[1] Muitos migrantes, na atual conjuntura, dispõem da lei 13.445 de 24 de maio de 2017, que assegura diversos direitos, como também deveres. E na Sessão II Dos Princípios e Das Garantias, artigo 3º - II rege-se: repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação, não são aceitos. Mas ainda assim, tem-se enfrentado processos discriminatórios sistêmicos.

avaliação de conhecimentos gerais, língua portuguesa e matemática, obtendo 75% de acertos, e atingindo a nota de corte exigida para a contratação, não fui chamada para a vaga porque a foto 3x4 anexada a folha de avaliação não refletia a "boa aparência" que aquela instituição estava buscando em seus candidatos, e suscitou comentários pejorativos dos funcionários que estavam ali presentes.

No intuito de obter informações referentes à contratação, me dirigi a um funcionário perguntado quais seriam os próximos passos, e a resposta obtida foi que eu deveria ir de agência em agência bancária, perguntando se eles estavam precisando de funcionários. Tempos depois, percebi que se tratava de um cenário que configurava racismo, naturalização do preconceito e individualização do problema, no vértice da economia, da política, da cultura e do direito, como bem pontuado por Silvio Almeida (2019), em seu trabalho intitulado *Racismo Estrutural*, ao falar da complexidade do racismo sistêmico social, institucional e individual.

Pela dificuldade em estar em empregos considerados como "uma boa oportunidade de ascensão ao mercado de trabalho", me formei como modelista da área têxtil para garantir, minimamente, os recursos financeiros. A decisão em ingressar na área têxtil foi incentivada pela minha mãe, que tinha uma preocupação em ver a filha bem encaminhada no mundo do trabalho e financeiramente amparada. Porém, é importante ressaltar que, indiretamente e de forma inconsciente, essa preocupação é amparada na existência de atravessadores sociais.

Este relato não é um caso isolado, salvo algumas peculiaridades, pois retrata as dificuldades enfrentadas por diferentes negras e negros no âmbito do mercado de trabalho. É importante destacar que não são poucos os relatos de pessoas que estiveram distantes de discussões que abordassem a construção histórica de suas vidas, de valorização intelectual e de diferentes trajetórias e saberes, que não relegasse ao negro um imaginário histórico de "fracasso" individual.

Na obra *Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais*, organizado por Erica Peçanha (2020) os relatos plurais que expressam construções históricas, explicitam narrativas permeadas de um imaginário que relega o sujeito a um lugar de "fracasso" individual, evidenciando singularidades, mas igualmente similaridades nas mais diversas experiências de precariedades.

As histórias contadas na escola, no ensino básico fundamental I, sobre os negros, destacavam submissão e sofrimento, sem evidenciar personalidades importantes que contribuíram intelectualmente para setores importantes da sociedade ou para a melhoria de algum processo, lugar, políticas públicas, como Luiz Gama, primeiro negro brasileiro com

formação autodidata em direito a defender escravos na esfera judicial (Ferreira, 2008), que apenas no ano de 2021 foi reconhecido na universidade como alguém que contribuiu para o progresso das ciências, letras, ou, artes (Jornal da USP, 2021). Outro exemplo é Machado de Assis, literário brasileiro, que comumente é apresentado como pessoa não negra.

Falar sobre a história é localizar o sujeito nos mais diversos contextos que os orientam referentes às transformações, a sociedade, os costumes e vivências em seu tempo e espaço. É possibilitar abordar a construção política perversa que possibilitou a desigualdade social em suas diferentes dimensões: racial, econômica, educacional, cultural e de direito.

Ao longo de minha trajetória de trabalho e estudo, fui tomando consciência de que as noções de sucesso e de fracasso são produções sociais e históricas, que se dão nas relações e nos diferentes espaços, cotidianamente, sendo historicamente construídas. Podem caminhar em duas direções: a) para reforçar as concepções de sucesso e de fracasso que imperam no mundo empresarial (Ituassu & Tonelli, 2012), como, por exemplo, salários elevados, promoções de cargo, prestígios, viagens, etc. b) ou para ingressar no caminho da "conscientização" (Freire, 1987), isto é, da decodificação das relações de poder e desnaturalização dos princípios liberais. É neste segundo caminho que buscamos problematizar estas noções que tanto afetam os jovens, especialmente aqueles que estão iniciando suas trajetórias profissionais.

Decorreu que, emergiu um interesse nos últimos anos em discutir questões relacionadas ao mundo do trabalho, tendo como atores os jovens estudantes para refletir a possibilidade de construção de projeto de futuro e de vida, levando em consideração o contexto de vulnerabilidade social (Rascovan, 1998).

O conhecimento é essencial para a construção do senso crítico e formação escolar emancipatória (Freire, 1987/2020 e Menezes & Santiago, 2014), respaldadas em garantias de direitos que proporcionem disputas justas, subsidiadas por um ensino programático igualitário.

Quando não se tem garantido um ensino programático igualitário que assegure os direitos sociais às mais diversas famílias, discussões em torno dessa temática surgem como uma forma de elas se organizem para que suas descendências tenham um desfecho diferente (Peçanha, 2020).

No bojo da discussão relacionada às diferentes dimensões sobre a desigualdade social, evidencia-se o projeto social de sistema liberal econômico que, além de individualizar os

problemas sociais, estigmatiza o sujeito quando este se organiza para ascender às limitações que a ele são impostas (Braz, 2020).

Compreender o processo sócio-histórico da condição dos jovens negros precarizados (Chauí, 2020), ou seja, pessoas que fazem parte da camada de trabalhadores permeada por relações de trabalho em condições precárias, possibilita entender que o fracasso profissional não é uma questão de ausência de melhor preparo para disputar vagas de emprego, tal qual é veiculada nas mídias, responsabilizando unicamente o sujeito por sua não inserção no mercado de trabalho, mas sim pelo sistema perverso Neoliberal, que produz insegurança diante do que ocorrerá no futuro, especialmente do ponto de vista das condições de trabalho, assim como viabiliza a individualização do sujeito, sem assegurar os recursos de seguridade. Deste modo, problematizar o fracasso profissional considerando o processo histórico, possibilita refletir sobre legislação trabalhista e políticas de enfrentamentos às adversidades que se apresentam neste contexto sócio-histórico, a exemplo os cursinhos populares como um lugar possível para a expressão de denúncia da não garantia de direitos sociais, como forma de protagonizar as diferentes histórias, assim como afirmou Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), referente à denúncia que antecede um anúncio. O anúncio na perspectiva de Freire (1987) denota apropriação da própria história de forma consciente, crítica e de ações transformadoras, frente à denúncia, que é declaração da opressão realizada pela falsa generosidade dos opressores.

No que se refere ao exemplo de cursinhos populares como lugar possível de denúncia social, vale lembrar que eles não sanam todas as mazelas sociais, mas cumprem um papel importante de resgate histórico e de luta por equidade na garantia de direitos educacionais e culturais e possibilitam discussões críticas sobre a inserção do sujeito na sociedade desigual.

As discussões realizadas por Paulo Freire (1987/2020) relacionadas ao estudo como elemento de formação e cidadania, são exemplificadas na proposta do cursinho popular Educação e Cidadania de Afrodescendente e Carentes (Educafro), sendo a instituição um espaço de preparação para vestibular, como também de discussões de pautas de políticas públicas que garantam os diretos básicos de acesso à educação de qualidade e que dizem respeito à população negra. Um espaço importante que contribui para o conhecimento e o exercício da cidadania, o qual pude fazer parte.

> (…) se faz necessário, nesse exercício, relembrar que cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com

> condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão, (Freire, 1987/2020, p. 53).

Dito isto, considerando as dificuldades de jovens negros e/ou precarizados acessarem a universidade e condições dignas de trabalho, busquei com esta dissertação contribuir com discussões críticas sobre o projeto de futuro direcionado a pessoas socialmente vulnerabilizadas (Rascovan, 1998).

As noções de sucesso e fracasso profissional sofrem uma influência decisiva do pensamento liberal e do modo de sociabilidade capitalista. Em todo caso, estas noções são materializadas nos processos de socialização, sendo a escola e o trabalho locais fundamentais nesta direção, tendo ligação direta com as noções de prestígio e legitimidade (Ituassu & Tonelli, 2012), mas também com as remunerações e poder de consumo.

Neste sentido, o estudo sobre noções de sucesso e fracasso profissional viabiliza discussões sobre o tema, trazendo como interrogação, se os jovens estudantes têm noções de sucesso e fracasso profissional, atravessados pelo sistema neoliberal. Consideramos que tais noções, como construções históricas, remetem à relação entre sujeito e sociedade, e, consequentemente, apresentam discussões sobre aspectos psíquico e social, bem como indivíduo e social, ou seja, concernentes às questões psicossociais.

Tais discussões demonstram um campo vasto, que não se esgota em suas conceituações, contribuições, e referenciais teóricos, como bem pontuado na obra *A Psicologia Social e a Questão do Hífen* (Silva & Zangari, 2017), quando discutem sobre a questão psicossocial.

Sendo assim, nossa indagação objetiva entender como os jovens compreendem sua realidade e enxergam o futuro, para pensar seu próprio modo de vida e possíveis obstáculos na realização de projetos profissionais, muitas vezes relacionados as questões de gênero, raça e classe social, no projeto de futuro de vida, impactando em suas subjetividades.

Tomamos como referencial teórico neste estudo abordagens que discutem o psicossocial (Martin-Baró, 1998) e que evocam a dialética entre sujeito e sociedade, não em proporções de uma adição, como dois mais dois são quatro, mas em dimensões em que o sujeito proporciona efeitos na sociedade, bem como dimensões em que a sociedade afeta o sujeito (Sawaia, 1999), de diferentes formas.

Assim, temos como eixo central de discussão autores do campo da psicologia social crítica, (Martin-Baró, 1998) e autores que nos permitem estabelecer um diálogo, também

crítico, entre psicologia e educação como Paulo Freire (1987), Patto (2015) e Bock (2018), fazendo interlocuções com outros autores.

O estudo foi sistematizado por etapas, as quais apresentam reflexões sobre temas específicos, tendo um panorama geral em determinadas discussões, como também relatos detalhados, e nesse processo apresentam-se modos organizadores na sociedade a partir do ensino, e seus impactos para a entrada no mundo de trabalho.

No Capítulo 1 discute-se a ideologia e neoliberalismo como condições existenciais (Chauí, 2008), e questões presentes no liberalismo no vértice da filosofia econômica, o conceito neoliberalismo e suas novas formas (Chauí, 2020), como ideias fixas que impactam as atividades na dimensão profissional e escolar, como processo de luta, com o propósito de pensar garantias de direitos, e o conceito "fracasso escolar" (Patto, 2015) como materialização da ideologia do sucesso e fracasso. São apresentadas questões de meritocracia, cor/raça como obstáculo para o sucesso profissional (Almeida, 2019), e questões presentes no liberalismo no vértice da filosofia econômica.

No Capítulo 2 faço referência a psicologia crítica de enfrentamento à noção liberal, a partir de Martín-Baró (1998) e Freire (1987), assim como outros autores, para melhor compreensão do conceito "conscientização" e do fazer psicológico como expressão de transformação nos processos subjetivos, apresentando questões concretas da sociedade latino-americana, e problematizando as injustiças sociais de forças opressoras que possibilitam a condução dos jovens para um lugar de "sucesso e fracasso".

No Capítulo 3, considerações metodológicas, é apresentado o caminho traçado e implementado para a obtenção de dados que evidenciassem a proposta da pesquisa. É explicitada a necessidade de mudança de ferramentas para a realização da coleta de informações e é apresentada a estruturação dos instrumentos utilizados, para melhor compreensão sobre os elementos da pesquisa. São evidenciados os participantes, organização das categorias, procedimento de coleta e de análise.

No Capítulo 4 são apresentados os resultados da pesquisa a partir das descrições dos dados, e a sistematização das categorias. As apresentações dos resultados são acompanhadas de sínteses de interlocuções das narrativas às categorias específicas.

O Capítulo 5 faz referência à discussão dos resultados, realiza fundamentações teóricas para cada categoria e sugere construções a serem realizadas (alterações / modificações) no fazer

psicológico, concernente ao mundo do trabalho, com atenção voltada aos jovens precarizados socialmente, interseccionando as realidades dos jovens não precarizados socialmente, reservando nuances especificas das juventudes, para melhor contribuir com a orientação profissional, considerando realidades diferentes no contexto latino-americano.

Nas considerações finais, faz-se a intersecção entre os capítulos anteriores explicitando os achados e as análises realizadas, possibilitando um parâmetro das ações feitas. São apresentas contribuições para que outros pesquisadores e leitores interessados possam ter uma visão das ações que foram ou não possíveis de se implementar, norteando outros trabalhos dentro do que se tem feito.

CAPÍTULO 1

AS NOÇÕES DE SUCESSO E FRACASSO COMO IDEOLOGIA (NEO)LIBERAL: IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

1.1 A ideologia neoliberal: as noções de sucesso e fracasso na atualidade

Antes de adentrarmos às discussões referentes à ideologia e neoliberalismo como condições existenciais, destacamos os fenômenos que explicitam os modos de funcionamentos do neoliberalismo (Anderson, 1995), decisivos para o atual cenário das relações humanas, nas dimensões sociais, históricas, de direitos e com impactos na visão de mundo. Assim, iniciamos as reflexões com o pano de fundo liberal e suas estratificações.

De acordo com Treanor (2005) e Paulani (1999), o liberalismo abarca princípios (liberdade, igualdade, propriedade privada e individualismo), que são reforçados no contexto atual do neoliberalismo, ainda que haja nuances.

Treanor pontua que na década de 1850 o liberalismo foi visto como uma filosofia que englobava as dimensões econômicas e políticas, consistindo o seu funcionamento em um processo de livre mercado justo, portanto, sem a necessidade de regulação social e estatal.

Seguindo a lógica de livre mercado, os liberais acreditavam haver estratificações sociais, tanto no que se refere aos aspectos físicos, quanto no que tange às questões da inteligência, do conhecimento, tendo inclusive a psicologia diferencial (Portela, 2008), exerciado poder de controle, cumprido um papel de classificar os aptos e inaptos ao sucesso (quem podia seguir e quem não podia seguir na aquisição de conhecimento), assim como também, definia classes sociais a partir dos testes. Para Treanor (2005) e Paulani (1999, no que se refere as transições econômicas, a expansão do mercado sem restrições favorecia o desenvolvimento da sociedade.

Deste modo, com a lógica de livre mercado (Treanor, 2005), o empresário é tido como modelo de sucesso por ser uma pessoa com profissão e especialização, a fim de corresponder

às forças do mercado e possibilitar à sociedade algo inovador. Por outro lado, está o trabalhador, que, em desvantagem econômica, deve demonstrar diariamente que está apto a exercer as funções a ele designadas pelo mundo do trabalho e buscar as mesmas qualificações e modo de vida do empresário empreendedor que obteve sucesso financeiro. Ou seja, este cenário apresenta o entendimento de que, de um lado estão aqueles que têm o poder intelectual para determinar ao sujeito executor das tarefas o que ele deve desempenhar, e do outro lado está o sujeito prestador de serviços, que precisa, necessariamente, da inteligência dos detentores do conhecimento especializado. Surge assim a imagem dos empresários liberais como sendo minimizadores da injustiça e como uma classe que fornece o modelo de "sucesso". O que vem sendo agravado com o neoliberalismo, com o desmonte dos direitos sociais e trabalhistas.

De acordo com Treanor (2005), a correspondencia do modelo de sucesso com os empresários, parece ser reforçado com os testes psicológicos, embora houvera um número crescente de serviços, possibilitando novos nichos de mercados, sendo um dos exemplos o uso de testes psicológicos utilizados para a avaliação e seleção de cadidatos, mesmo quando esses eram procurados para ocuparem vagas intermediárias, ampliando, assim, a concorrência no mercado de trabalho, sem que este, necessariamente, aumento de oferta garantisse a inserção efetiva de trabalhadores, pois o número de vagas não eram compatível com a oferta de serviços, gerando uma expressiva competitividade, o que se acirra na sociedade neoliberal.

Diante do que é exposto por ele, referente a busca pela colocação no mercado de trabalho, e a utilização de ferramentas das quais possam contribuir para melhor preparo para a competição, há que se pensar se os jovens em situação de precarização social reconhecem na flexibilização uma oportunidade para o "sucesso" e gerenciamento de suas próprias vidas e projeto de futuro.

Considerando as discussões propostas por Treanor (2005), explicita-se que o neoliberalismo não se configura como única e exclusiva estrutura econômica, mas também como uma filosofia, e mais do que isso, um modelo de vida, sustentado por um legado geracional.

Ao pensarem em legado, incorporaram o estereótipo como fator determinante para designar uma pessoa de "sucesso", adotando a hereditariedade familiar e de localidade, aviltando famílias de baixa renda nesse processo, que, muitas vezes, internalizam o fracasso profissional individualizando este fenômeno estrutural.

Ao mencionar a estratificação de nichos de trabalhos e dizer das subclasses como parte do neoliberalismo, o discurso de que todas as pessoas deveriam ser empreendedores gerenciando suas próprias vidas, torna-se um discurso contraproducente.

Na mesma linha de discussão referente ao neoliberalismo e seus atravessamentos, apresentado por David Harvey (2005) em sua obra *O Neoliberalismo: história e implicações*, a prática e conceituação neoliberal tem como objetivo a restrição do poder do trabalho, a desregulamentação das conquistas realizadas pela classe trabalhadora, a manutenção do status quo do domínio da elite sobre a riqueza, a manutenção do falseamento da liberdade e bem-estar, transformações na linguagem do mercado financeiro, assim como prejuízos às formas de intervenção do Estado nos julgamentos e intervenções.

As contribuições realizadas por ele permitem compreender que, no percurso da implementação do neoliberalismo, tem-se a construção de uma noção de liberdade antagônica à regulamentação social e econômica. Assim, o legado do neoliberalismo é a desregulamentação das leis trabalhistas, e na representação sindical (Anderson, 1995), desmonte de direitos sociais, insegurança em todas as esferas da vida em sociedade e aumento do fosso entre ricos e pobres.

As implementações das políticas neoliberais (Harvey, 2005), ocorreram no final dos anos de 1970, e subsidiaram um projeto de reorganização do capitalismo, sendo um sistema econômico baseado na propriedade privada, no lucro, acúmulo de riqueza, dentre outros.

Neste projeto neoliberal, tem-se o empenho no convencimento de que as instituições familiares, sociais e hierarquias, têm melhor desempenho/funcionamento, se suas existências ocorrerem no escopo da autorregulação individualizante e de privatização, abrindo precedência ao empreendimento e a política do empresário de si.

Esses processos incidiram na confirmação de um ideal de trabalhador de sucesso: empreendedor, polivalente, que trabalha mais com menos (Harvey, 2005). Tem-se, assim, a valorização de um perfil profissional/vocacional, como modo de vida perene sem a possibilidade de romper com o sistema “homem certo no lugar certo”, tal como aponta Chauí (2008), quando trata da ideologia neoliberal.

Chauí realiza ponderações sobre a diferença entre ideologia e ideário, sendo a primeira referente à história, ao social e ao político, imbricados entre si, mantendo a exploração

econômica, a desigualdade social e a dominação política; e a segunda um conjunto sistêmico de ideias.

Não nos aprofundaremos sobre a história do conceito de ideologia, mas apenas destacaremos como ela se manifesta no momento atual. Ainda assim, referente a isto, vale destacar que a autora explicita ser preciso evidenciar sobre a existência de diferentes causalidades, antes de adentrar no tema ideologia, e evidencia que, a partir de Aristoteles, a teoria da causalidade corresponde: a) causa material, b) causa formal, c) causa motriz e d) causa final, de modo que esses diferentes aspectos são responsáveis por: a) matéria de alguma coisa, b) essência ou natureza da coisa, c) presença de uma forma em uma matéria, d) pelo sentido da existência da coisa. Os fatores históricos, políticos e sociais apontados por ela, concernentes a proposta da teoria aristotélica, marcam uma concepção de diferenciação e subjugação, incidindo na desvalorização do trabalho produzido por aquele que é considerado como quem tão somente fabrica a materialização do seu trabalho, dando forma aos mais diversos produtos. Ou seja, diz respeito à utilização da matéria e a relação simétrica (proporcional entre as partes) ou assimétrica (desigual), abarcada pela servidão, tendo como atores os senhores e os escravos, como jogo de poder e dominação.

Ao pontuar a existência da hierarquização na teoria aristotélica da causalidade, a autora explicita que a causa formal e a causa motriz, não tem o mesmo valor que a causa material e causa final, designando as duas últimas aqui citadas como a representação do ser natural e ser sobrenatural, ou, senhor e servo, sendo as causas formal e motriz a representação do trabalho, trabalho esse sem o devido reconhecimento como algo de valor.

Ao entender ideologia para além de um simples conjunto de ideais, mas como aplicação de valores societais que promovem desigualdade e subordinação, Chauí (2008) relata o papel central do sucesso profissional baseado na meritocracia e que enaltece uma atividade em detrimento da outra, falando sobre as duas faces do trabalho, ou seja, “trabalho como expressão de uma vontade livre”, atribuído ao burguês e, o “trabalho como relação da máquina corporal com a máquina sem vida”, atribuído ao trabalhador, (p. 19).

Melhor dizendo, um cenário que denota a estratificação das atividades correlacionadas à posição social e econômica que ocupa o sujeito, consequentemente atribuindo às suas funções um valor de mercado que segue a lógica da “causa forma e motriz” como trabalho desvalorizado.

Assim, após uma análise histórica, Chauí (2008) segue dizendo que a ideologia é a formação das ideias que surgem a partir da alienação, dando a impressão de que as ideias são independentes e precede a prática e a ação. Neste sentido, as ideias vão tomando forma de uma construção independente frente a objetividade e às relações materiais, naturalizando a divisão sexual e racial do trabalho, divisão esta estabelecida pelo trabalho alienado que estratifica e designa a ocupação de cada indivíduo nos mais diversos lugares, crenças, ações, entre outros.

A sociedade de classes que produz alienação ao modo de produção e à organização do trabalho, reforça a ideologia da naturalização da desigualdade social e da individualização do sucesso e fracasso.

O estranhamento gerado pelas relações sociais de produção (Chauí, 2008), coloca para os sujeitos uma imposição de ter de seguir "as regras do jogo", sendo estas naturalizadas, o que torna o terreno ainda mais fértil para a submissão entre opressores e oprimidos, por entender que as situações estão dadas, sem possibilidade de mudanças, previamente estabelecidas pela classe dominadora.

Que relações podem ser feitas correlacionadas ao mundo do trabalho, concernente a questão da ideologia? Ora, como anteriormente pautado por Chauí (2008), discutir sobre ideologia no campo de trabalho é poder discutir a respeito de crenças previamente estabelecidas, referentes a quem pode ocupar determinados cargos e a quem está destinado determinada oportunidade de emprego. É poder ampliar as discussões sem segmentar a um determinado fator, tomando o cuidado para não desconsiderar o contexto e os meandros que compõem a construção da forma de se relacionar no mundo do trabalho. Como afirma a autora: "A ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos" (p. 73).

Segundo Chauí (2020), a questão estrutural do desemprego equipara-se ao sistema totalitário de livre mercado. Nesta direção, nossa filósofa segue dizendo que o totalitarismo encobre o desemprego, e o desemprego é estrutural, e não um acidente, e promovido como algo estrutural do sistema neoliberal.

Da mesma maneira, é possível compreender que o totalitarismo neoliberal que a autora se refere encobre também a "uberização" do trabalho, onde cada um se acha ser empresário de si mesmo, definindo o indivíduo não como um grupo ou classe social, mas como um membro, um empreendimento, um capital humano. Para ela, tais formas são destrutivas à solidariedade e desencadeiam práticas de extermínio sob novas roupagens do sistema liberal: o

neoliberalismo. Chauí (2020) evidencia ainda, a problemática da individualização dos fatores de ordem social e sistêmico, tornando o indivíduo como elemento chave para os resultados de sua trajetória de trabalho, concernente aos resultados de sucesso ou fracasso.

Omitindo o fato que o totalitarismo neoliberal produz efeitos tanto sociais como econômicos, materializados pelo desemprego estrutural com a fragmentação “toyotista” do trabalho, a classe dominante usa termos como “empreendedorismo”, beneficiando grandes instituições privadas, sem garantias ao trabalhador liberal, escamoteando as condições cada vez mais degradantes de estudo e trabalho na atualidade, o que dá origem ao chamado “precariado” (Chauí, 2020).

O precariado é aquele seguimento de classe trabalhadora crescente com cada vez menos direitos do trabalho, motivada pelo medo, pelo sofrimento, pela insegurança, e com a culpa perante o fracasso.

O neoliberalismo é um novo modo de produção de precariado (precarização) para os objetivos do monopólio do conhecimento (Chauí, 2020), e, a partir da segregação do conhecimento tecnológico, conduz as novas formas de expropriação e segmentação dos detentores do capital, estratificando quem ocupa o lugar de sucesso, neste caso quem detém o conhecimento tecnológico, e quem ocupa o lugar de “fracassado”, neste último, o sujeito desprovido de conhecimento tecnológico, que trabalha na produção de material que subsidia o funcionamento das máquinas, sem delas ter o direito de conhecimento ou operacionalidade.

No que se refere a operacionalidade, poucos tem acesso à internet de boa qualidade para dispor dos elementos: inteligência artificial, computação em nuvem, internet das coisas e a robótica; a competição entre os jovens precarizados e não precarizados intensifica-se ainda mais, acirrando a desigualdade social e de direitos (Chauí, 2020).

Assim, tal qual ao modelo liberal de disputa entre camponeses e urbanos, concernente as melhores colocações no mundo do trabalho, cria-se no neoliberalismo um abismo entre os jovens, mantendo os de classe pobre em espaços de produção de material para a manutenção, e os não precarizados em espaços de desenvolvimento de programas com suas linguagens específicas da área, gerando guetos.

Se pensarmos no acesso ao conhecimento, no ensino fundamental I e II e ensino médio, e em suas mais diversas formações, facilmente nos depararemos com ensinos conteudistas de formação acrítica, que nos leva a problematizar uma formação educacional que ocupa dois

lugares: 1) a que relega o jovem à ideia de si mesmo quanto inapto, fadado ao “fracasso”, 2) a que projeta uma parcela de jovens à carreira de “sucesso”.

A diferença entre os modos de visão de si mesmo, concernentes a carreira e os lugares a ocupar, foi evidenciado na atual conjuntura política e de acesso aos direitos, no contexto pandêmico.

A desigualdade social presente há muito no território brasileiro, acentuou as limitações de acesso ao ensino e observou-se a diferença entre jovens precarizados socialmente e jovens de classe média, já antes discutida, quanto a ausência de garantias de estudo de qualidade para todos os jovens. No entanto, a problemática de disponibilização do conteúdo escolar para os alunos das classes pobres esbarrou no não acesso à internet, ou ao acesso limitado e precarizado, e na não disponibilização do aparelho eletrônico como: computador, tablet, celular. Quando determinadas famílias da classe pobre podiam ter acesso a um desses instrumentos, ainda assim, precisavam se dividir para que os demais membros da casa pudessem fazer uso do aparelho eletrônico.

Ora, tendo o neoliberalismo um projeto individualizante, com a lógica do termo “indústria 4.0” abarcando o universo tecnológico e de novas comunicações, como os jovens das classes pobres poderiam competir de forma justa com os jovens da classe média, se a eles é restringido o acesso igualitário de conhecimento em suas diferentes formas?

Outro ponto a destacar é a qualidade de determinados aparelhos tecnológicos, que, por vezes, não comportam alguns aplicativos (APPs), tornando-se outra forma de segregação pelo não acesso à base de dados disponibilizada nos mais diversos aplicativos.

Marilena Chauí publiciza em seu artigo *O totalitarismo neoliberal* (2020) os mecanismos da nova linguagem política recorrente em dias atuais, sustentado pela lógica do neoliberalismo, e afirma que, por conta disso, a palavra desemprego, por exemplo, toma novo significado e é associada a uma pessoa que não quer buscar uma trabalho: “os desempregados são uns vagabundos” (p. 318), responsabilizando o sujeito pelo seu “fracasso profissional” e desresponsabilizando o projeto político perverso da ideologia neoliberal.

Desta forma, vale a pergunta: como a burguesia contemporânea propicia a construção de ideias fixas concernentes as atividades/ações que devem ser realizadas por uma determinada classe social, naturalizando nichos de trabalhos ou empregos de acordo com a realidade do sujeito ou indivíduo?

No tocante à realidade do sujeito ou indivíduo, notamos que as mudanças no mundo do trabalho, e seu entendimento sobre a questão hegemônica liberal de livre mercado e promoção ao individualismo, relacionada às noções de “sucesso-fracasso”, na passagem do ensino médio para a faculdade, ou, universidade, bem como a inserção ao mundo do trabalho, responsabilizando ainda mais o jovem em suas mazelas, ganham novas roupagens no mundo neoliberal.

1.2 O conceito fracasso escolar: a materialização da ideologia do sucesso e do fracasso na formação

A trajetória educacional inicia uma construção que geralmente antecede a entrada no campo de trabalho, e assim enuncia valores e práticas que podem delimitar a vida profissional dos jovens. Deste modo, é importante problematizar os modos de ensino, seus objetivos e propósitos, tendo como base uma reflexão crítica sobre sucesso e fracasso no mundo neoliberal.

A compreensão sobre o conceito “fracasso” nos espaços educacionais é explicitada a partir das discussões propostas por Maria Helena Souza Patto (2015), evidenciado por ideais da meritocracia no sistema educacional no modo de sociabilidade capitalista. O entendimento sobre “fracasso escolar” apresentado por Patto, contrapõe aos discursos hegemônicos que asseguravam ser o “fracasso” no ambiente escolar uma responsabilidade do aluno e de seus familiares, ignorando a ausência de investimento concreto por parte do Estado e as profundas desigualdades sociais.

Segundo Lineu Norio Kohatsu (2015) apud Patto (2015), falar sobre o “fracasso escolar” é ponderar a construção histórica e avaliar quais foram as superações nos espaços educacionais e quais são os desafios a serem encarados. Ele assevera que, mesmo a obra de Patto tendo sido escrita há 25 anos, ainda existem questões denunciadas ali que persistem em se presentificar no sistema educacional. Portanto, continuam a delegar aos usuários das escolas públicas a responsabilidade pelo “fracasso escolar”, com a anuência do conhecimento psicológico.

Patto apresenta o conceito “fracasso escolar” no final da década de 1980, fundamentado no processo histórico pelo modelo liberal econômico dos sistemas de ensino, teoria racial e psicologia diferencial, assegurando ser os meandros que compõem o conceito “fracasso

escolar” responsáveis pela culpabilização que possivelmente muitas pessoas carregam em sua história de vida.

A autora também elucida que as primeiras intervenções psicológicas no Brasil ocorreram por meio de médicos, na primeira metade do século XIX, com interesse em analisar a mente humana e seus desvios. Pressupostos teóricos que colaboraram no desenvolvimento psicológico escolar brasileiro, na implementação de testes psicológicos, desencadeando junto a inovação de um estudo conceitos preconceituosos a partir de entendimentos fragmentados, segregando a classe pobre tida como “crianças problemas”, ou “desajustadas”.

Ainda segundo a autora, assegura-se o conceito “fracasso escolar” como parte de uma estrutura de dominação e poder, subsidiada pelo ideal capitalista, sustentado pela política, a economia, a cultura e sua visão de mundo elitista.

Em consonância com a crítica da noção de fracasso escolar, Arroyo (1992) argumenta que a ideologia liberal de fracasso omite questões estruturais complexas que ultrapassam parâmetros institucionais, pois se trata de uma estrutura social, política, econômica e cultural que responsabiliza o sujeito pelas mazelas da sociedade capitalista. Nesta mesma direção, argumenta o autor, o modelo conteudista de ensino não se orienta para sanar as profundas desigualdades, mas pelo contrário, aprofunda o fosso entre ricos e pobres ao executar uma formação tecnicista que atua para manutenção da divisão entre trabalho manual e intelectual.

Considera-se que a noção de sucesso e de fracasso causa uma discrepância entre realidade material da maioria popular de meritocracia individualista propagada também nas escolas. Isso se dá de maneira mais clara quando observamos a distinção entre ensino público e ensino particular, especialmente no ensino básico. Assim, as diferenças entre os cursinhos preparatórios para vestibular particulares e populares, segundo Whitaker (2010), se caracterizam desde o propósito de sua criação. Elucidaremos brevemente essas diferenças por considerar que ela contribui para a compreensão do debate sobre “fracasso escolar”.

De acordo com a autora, “o fenômeno cursinho” tem início em 1910, época em que se cria os exames admissionais de ensino superior no Brasil. Os cursinhos de preparação para vestibular receberam essa nomenclatura em 1915, e em 1920 adquiriram o formato de processo seletivo de candidatos, em função de o número de vagas ser menor que o número de candidatos.

Outro ponto a destacar é que os candidatos faziam parte de uma parcela da sociedade, a elite, que usufruía de recursos financeiros que possibilitavam a ela a ocupação dos espaços dos

cursinhos, não só pelo fator econômico, mas também pela apropriação intelectual, assegurada por conteúdos escolares e culturais.

Deste modo, considera-se a década de 1920 como “o embrião dos cursinhos pré-vestibulares” (Guimarães,1984, apud Whitaker, p. 3, 2010), objetivando atender demandas dos alunos das elites brasileiras, que mesmo tendo acesso aos conteúdos que os diferenciavam dos alunos de escola pública, viam a necessidade de obterem recursos que pudessem garantir a eles vaga nas universidades públicas, em função da demanda ser maior que o número de vagas ofertadas.

Diante do panorama descrito a partir do olhar da sociologia (Whitaker, 2010), é possível perceber na linha do tempo o distanciamento nas implementações dos cursinhos preparatórios de vestibular direcionados à elite, em relação aos cursinhos preparatórios de vestibular direcionados à população menos favorecida. Tais diferenças demonstram a consolidação das estratificações e a manutenção do processo de luta para garantia de direito à educação mais próximo da equidade social.

Assim, os alunos de ensino médio das escolas públicas, em contextos de desigualdades sociais, desprovidos de materiais didáticos, de professores em algumas disciplinas, de investimento de tempo de estudo em detrimento de vida e trabalho, encontrarão nas ações afirmativas caminhos pela inclusão escolar.

Na mesma linha de discussão sobre a implementação do ensino como questão democrática (Silva, Vieira, Cardoso & Campos, 2015), também é discutida a construção do saber a partir da educação superior, destacando a especificidade do ensino e seu público.

Os autores denotam no que tange a competitividade para o ingresso à universidade, e sobre o público, confluindo com as questões supracitadas referentes à criação de exames admissionais, exames esses que posteriormente receberam o nome de vestibular, cujo objetivo era realizar a seleção de candidatos aos cursos de ensino superior.

Silva, Vieira, Cardoso e Campos (2015) evidenciam que os cursos oferecidos na época de 1970-1980, eram considerados como cursos de prestígios, de modo que o público que ocupava tais cursos também era considerado privilegiado pela condição socioeconômica. Como podemos perceber, o cenário de ascensão escolar não incluía a população periférica no contexto de ensino superior de formação profissional para além da formação técnica/operacional.

Segundo Mendes (2011), o cenário supramencionado prejudica o sistema público escolar, cujo público tem condições socioeconômicas desprestigiadas e é vítima de um ensino médio sucateado, entre outras mazelas socioeducacionais, a exemplo, ausência de determinada disciplina exigida no vestibular. Assim, problematizar o cenário do ensino médio das duas dimensões, particular e pública, possibilita explicitar os atravessamentos estruturais que se presentificam na história de vida escolar dos jovens em sua pluralidade, como fatores que corroboram como obstáculos ao ingresso no curso superior.

Em resposta ao sucateamento escolar está o cursinho popular, mas Freire e Nogueira apud Mendes (2011), questionam se é possível realizar uma prática de educação popular no interior de cursinhos populares, e diz ainda que existe o risco de socializar "(…) apenas adestrando Homens e Mulheres para exercer técnicas. Nisso não existe cidadania: existe apenas competência e competição" (p. 4).

Na linha da constatação da existência de adestramento de pessoas com a finalidade de reprodução técnica (Whitaker, 2010), problematiza-se as práticas metodológicas de ensino nos cursinhos como um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que preparam os jovens para o vestibular, os atestam a um ensino de memorização, com a finalidade de os jovens tão somente ascenderem ao curso superior.

Dito isto, destacar as diferenças de metodologias de ensino, é um convite para pensar políticas públicas de ensino como forma de enfrentamento da desigualdade social manifesta no sistema escolar, escamoteadas práticas pedagógicas que demarcam o "fracasso" ou o "sucesso" escolar.

Desta feita, como subsidiar as pessoas "precarizadas socialmente" para a construção do projeto para o futuro, considerando um contexto de sucateamento escolar e estratificação no mundo do trabalho, relegando aos menos favorecidos conhecimento técnico sem a possibilidade de atendimento crítico de orientação profissional?

Os autores Mendes (2011) e Saviani (1999), reconhecem que o ensino permeado pelo interesse da burguesia favorecia a classe média, que intencionalmente contribuía para o cenário político de investimento fragilizado, incidindo nas diferenças entre educação privada e pública do ensino fundamental e médio, propiciando o aparelho ideológico escolar, que se vale de questões abstratas, mas também objetivas no preparo dos alunos para ocuparem um lugar de mera produção. Visando o Ensino Superior, alguns grupos empresariais têm investido em escolas de ensino básico e fundamental I e II, e, embora os sistemas privados estejam presentes

em algumas escolas públicas (Garcia & Correa, 2011), não é consenso de que as propostas apresentadas pelos empresários e gestores atendam, de fato, a equalização do ensino, havendo controvérsias referentes as garantias de participação da sociedade/comunidade nas decisões educacionais que atendam as necessidades da comunidade que está neste nicho escolar.

No que se refere a uma formação para mera produção de serviço, tal situação, assemelha-se à realidade vivenciada por parte de operários e camponeses que cumpriam a escolaridade básica no intuito de serem introduzidos no processo produtivo, atendendo o status quo da desigualdade, explicitando aqueles que ascenderiam e os que permaneceriam na base da pirâmide, garantindo os interesses da burguesia.

Saviani, na década de 1980, inicia uma discussão sobre o papel da escola junto a população marginalizada, ou seja, à margem dos direitos garantidos, chamando a atenção para as intervenções que se presentificavam no ambiente escolar como perpetuação dos mecanismos de adaptação que evita a transformação da escola, garantindo a preservação da classe dominante. Ele buscava evidenciar as condições históricas da então época através da teoria crítica da educação, como forma de se engajar no esforço da transformação para que concretamente o ensino fosse de qualidade e pudesse garantir aos trabalhadores condições equânimes (Saviani, 1999).

Na mesma linha de discussão sobre garantias de direitos e o universo escolar com distinção dos atores, e manutenção da classe dominante nos lugares de privilégio, Whitaker e Fiamengue (2001) a partir do texto: *Ensino Médio: Função do Estado ou Da Empresa*?, problematizam o ingresso de vestibulandos do ensino médio particular e público, e apresentam perguntas referentes a mudança do perfil do vestibulando, o que ocasionou a mudança, se a universidade foi elitizada e afetada pelo cenário internacional. As autoras apresentam estatisticamente a distribuição de candidatos oriundos de escolas particulares, bem como de escolas públicas, inscritos e matriculados nas áreas biológicas, exatas e humanas, evidenciando que nos anos de 85/86 houve um crescente número de alunos de escolas públicas nas Universidades Públicas, e relatam em seus achados que, em 1996 houve um decréscimo de alunos de escolas públicas nas Universidades Públicas.

O panorama apresentado por Whitaker e Fiamengue (2001) permite uma visão substancial relacionada aos candidatos-cursos escolhidos, na Universidade Pública, mas também possibilita, intentar hipóteses sobre as condições de ensino médio público, e os efeitos de seus conteúdos programáticos.

Ao contrário do que é assegurado por Whitaker e Fiamengue (2001), que realizam discussões com enfoque nos dados dos ingressantes no vestibular, Mendes (2011) envereda no formato qualitativo ao falar da realidade do ensino médio e do público presente nas escolas públicas, explicitando as condições socioeconômicas como desprestigiadas, ensino médio sucateado, desprovido de conteúdo programático das disciplinas exigidas no vestibular e, por vezes, sem professores em algumas disciplinas no percurso do ensino médio, como elementos reais de precarização e impedimentos/dificuldades a serem transpostos pela sociedade civil precarizada socialmente, para ascender ao ensino superior e, consequentemente, garantir um emprego satisfatório e de escolha do sujeito no mercado de trabalho.

Como apresentado por Mendes (2011), os direitos assegurados são uma forma de confrontar as desigualdades sociais. Para tanto, a partir de estudos realizados por Castro, Gontijo e Amabile (2012), é plausível abordar sobre a implementação da educação a partir dos direitos sociais, no intuito de garantir aos indivíduos condições reais de igualdade das necessidades básicas de sobrevivência, incluindo nessas necessidades a educação pública e de qualidade.

A questão social foi ponto nodal a partir das condições de vida da classe trabalhadora para melhores condições econômicas e diminuição da desigualdade social, de modo que a educação foi “proclamada como um campo de proteção social” (Cury, 2012 apud Castro, Gontijo & Amabil, 2012, p. 149).

Não vamos nos aprofundar neste momento, mas a inserção de alunos precarizados socialmente no ensino superior público ocorreu com a política de cotas, sob a lei nº 12.711/2012, que garante 50% das matrículas às universidades e institutos públicos para estudantes de escolas públicas, sendo que desse percentual, 11% são destinados aos pretos, pardos e indígenas, com renda igual, ou menor que 1,5 salário mínimo per capita, conforme a lei 13.409 de 28 de dezembro de 2016, dados estes presentes no portal do Ministério da Educação (MEC, 2020).

As ações políticas e de políticas públicas, endossaram as garantias de direitos educacionais, proporcionando mudanças no cenário do ensino superior, no que se refere a questão quantitativa, e adicionando na complexidade da discussão elementos que preparam os jovens para a entrada ao mundo do trabalho.

Destacamos que a desigualdade social presente no sistema educacional e a transição para o mundo do trabalho traz consequências psicossociais, como por exemplo, na autoimagem

e na forma como os jovens se veem e como elaboram as perspectivas de futuro e de vida. Sobre este aspecto, Bock (2018, p. 44) afirma que as teorias tradicionais de “modelos de perfis” compreendidos como simetria perfeita entre perfil profissional e pessoal, possibilitam cristalizações de características pessoais, dificultando mudanças na trajetória de vida de trabalho, pautados em traços de personalidades elencados ao perfil profissional/vocacional, como modo de vida perene sem a possibilidade de romper com o sistema “homem certo no lugar certo”.

A teoria psicológica tradicional reforça os pressupostos liberais, que reforça estratificações econômicas e sociais, contribuindo com a manutenção de ideias de aptidões inatas (pessoas nascem com determinadas habilidades) e fatores místicos (naturalização da escassez de recursos financeiros por forças divinas), sem abrir discussões sobre as mudanças sociais e suas interferências na vida do sujeito. Como afirma Bock (2018): “Na perspectiva liberal, tudo está nas mãos do indivíduo, o único responsável pela escolha profissional que, se bem realizada, aponta para o sucesso social e financeiro” (p. 62).

É importante destacar que as perspectivas críticas que buscam superar as concepções hegemônicas que se pautam por noções naturalizadas de superioridade, possibilita olhar para o processo de escolha profissional, discutindo o contexto histórico da escolha e os atravessadores sociais econômicos. Neste sentido, inspirado em Bock (2018) entende-se que O.P. crítica pode ser um caminho que possibilite caminhos para que os jovens vivenciem sua própria história, tomando contato com o real, com o concreto, com o cotidiano, refletindo sobre uma possível “culpa” por não terem ido mais longe “do que poderiam”, e talvez denunciem atitudes de meritocracia que responsabilizam os jovens pelas mazelas que o cercam, as desigualdades que os acometem.

Os afetos como culpa e vergonha constituem, portanto, objetos de reflexão dos psicólogos que estabelecem um caminhar de contribuições com os jovens que estão em momento de escolha profissional e transição do mundo escolar para o trabalho. Conforme diz Euzébios sobre sentir a própria história, “tem de vivenciar emocionalmente uma situação antes de racionalizá-la” (Iasi, 2006, citado por Euzébios, 2011, p. 34), é possível pensar sobre a interação de afetos, no sentido de ser afetado por, de possibilitar que as instâncias abstratas e objetivas se coadunem, considerando as dimensões política, histórica e psicológica em via de mão dupla, reconhecendo que o sujeito é passível de ser afetado por essas dimensões dialeticamente, pois as decisões políticas e a história não estão apartadas da constituição do ser humano, que afeta e pode ser afetado.

Sendo o contexto educacional uma construção histórica marcada por desigualdades sociais, as ações empreendidas aos alunos necessariamente precisam ser interrogas, no sentido de permitir um olhar crítico (Guzzo, 2015), objetivando ampliar a compreensão sobre as ferramentas relacionadas ao fazer psicológico (Martín-Baró 1990 apud Andrade, 2001), ponderando as mudanças da sociedade, as diferenças e o combate às desigualdades. E o ato de questionar infringe em se perguntar: por quê determinada parcela da sociedade não vivencia as mesmas oportunidades de trabalho. Assim, é possível discutir sobre questões econômicas, de direitos, sociais e psicológicas.

Outro ponto a se questionar, que agora nos aprofundaremos, é como se incrementa a ideologia do sucesso e fracasso fundamentados nas dimensões raciais/racialidade. Para tanto, enveredaremos nas discussões raciais/racialidade, a partir de autores em diferentes tempos, evidenciando a necessidade na comunidade da discussão.

1.3 A meritocracia e a questão racial como obstáculo para o sucesso profissional

Em um país miscigenado é impossível deixar à margem da discussão questões da racialidade no mundo do trabalho, sendo o elemento cor/raça parte protagonista histórica das desigualdades. Segundo estudos realizados pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP, 2017), o Brasil abarcou a escravização com estratégias discriminatórias e preconceituosa, para a manutenção do projeto escravagista, resultando nas mais diferentes violências direcionadas aos negros, sendo uma delas o obstáculo à ascensão ao ensino superior e inserção ao mundo do trabalho, dificultando as garantias de direitos.

Segundo Bastos (1988) apud Maio (2010), existe uma construção sobre os papéis profissionais e sociais, a partir das inúmeras experiências às quais são expostas os pretos e mulatos. Segue dizendo que os diferentes relatos de sofrimento dos entrevistados expressam que, por vezes, as vítimas da discriminação racial não identificam a situação a qual estão expostas, porque possivelmente elas se afastam da dor como forma de se protegerem e de evitarem o conflito. Mas a autora assevera que a evitação do conflito com o outro não é garantia de ausência de sofrimento, e a fuga não possibilita a constituição da sociedade, constituição esta por intermédio do conflito.

Maio (2010) ao relatar a trajetória de vida de Virgínia Leone Bicudo, enquanto mulher negra que ascendeu aos espaços intelectuais, subsidiada pela condição intelectual e financeira de seu pai, Teófilo Bicudo, explicita uma situação de racismo no meio acadêmico vivenciado por Teófilo, que denota o ideal da pessoa branca relacionado a manutenção da estratificação dos empregos/trabalhos, pautada na racialidade.

Ao se classificar pessoas pretas e pardas conforme a racialidade, e julgá-las inaptas para realização de atividades/desempenho de função, cria-se mecanismos de manutenção à desigualdade social, e falta de oportunidade.

Maio (2010) relata que o pai de Virgínia Bicudo foi reprovado propositalmente no curso de Ginásio de Estado, porque tinha como propósito estudar medicina, decisão essa inaceitável ao "professor que chamava Barros ou Barrinhos" (p. 31).

Tal intervenção retrata o que foi apontado por Chauí (2008) sobre a construção do imaginário social, pautado na ideologia e respaldado na marginalização do estereótipo.

Ainda na mesma linha de discussão relacionada ao trabalho, classificando quem pode ou não ocupar determinada área profissional, percebemos neste movimento semelhanças no que tange a questão do "fracasso escolar", que tipificava o aluno pela posição social e apropriação cultural, conforme destaca Patto (2015).

Assim, crenças concernentes a área de trabalhos tidas para classe pobre e classe rica é terreno fértil para sustentar o discurso de "fracasso profissional" como algo meramente individual e de responsabilização do sujeito. Nesta mesma direção, Maio (2010) aborda que na dissertação de Bicudo, as discussões raciais e de cor são somadas à classe social e se intercruzam. Ressalta que, mesmo o negro ascendendo ao universo da classe média ou rica, ainda assim sofre preconceitos. A autora denota ainda, a importância em discutir racialidade, assim como propõe Almeida (2019), que relaciona às diferentes dimensões classe/raça, atrelando estas dimensões no mundo do trabalho.

Outro ponto a destacar são as categorias depreciativas endereçadas aos negros, marcando-os como "perversos, maus, bêbados, desonestos, vagabundos, ladrões e macumbeiros" (Bicudo, 1955, p. 294 apud Maio, 2010, p. 45), estereótipos que perpassam o imaginário social, podendo relegar os jovens à uma situação de descrédito no mundo do trabalho.

Discute-se em dias atuais, a partir de obras/textos, e/ou em instituições/espaços de discussões, se de fato a questão de cor/raça (Alencar, Ifadireó & Bitu, 2020), implica na contratação de pessoas negras no mercado de trabalho, e se tais fatores interferem na construção de projeto de futuro de vida dos jovens.

Como podemos observar linhas acima, as marcas de humilhação fizeram parte daquele momento histórico na vida dos negros, como em dias atuais, e pautar a questão da autoimagem dos jovens atrelada à colocação no mercado de trabalho é salutar. Segundo Gonçalves Filho (2017), a humilhação como fenômeno social é um processo histórico-político, não necessariamente percebido por quem vive a humilhação social, podendo incorrer em angústias e estranhamentos, surgindo de modo enigmático na consciência daqueles que se questionam ou não a produção das desigualdades econômicas, sociais e raciais.

Nos relatos apresentados na dissertação de Bicudo, 1941-44 apud Maio (2010), não são poucas as narrativas e evidenciam tratamento diferenciado para pessoas brancas e não brancas, conduzindo o negro a um caminho árduo para provar sua capacidade profissional, pois o fator cor/raça denota fracasso para a execução das tarefas. Ou seja, a capacidade de executar tarefas não pode prescindir um imaginário social de desqualificação para o exercício da função pautado no estereótipo, dificultando o acesso à trajetória profissional. As formas de avaliações de profissionais pressupõem avaliações referentes aos conhecimentos que o sujeito tem, considerando as competências que o torna apto à desenvolver as ações.

Seguindo as discussões aqui apresentadas, segundo Almeida (2019), falar sobre raça é abarcar questões relacionadas aos racismos “individualista, institucional e estrutural, sendo sua classificação concernente: a) relação entre racismo e subjetividade; b) relação entre racismo e Estado; c) relação entre racismo e economia” (p. 24).

Almeida discute que o termo raça não é fixo, mas circunscrito à história, um conceito relacional e histórico. A partir da raça fundamenta-se o racismo que se estabelece sistematicamente com práticas conscientes ou inconscientes, incidindo em desvantagens ou privilégios a um determinado grupo, práticas que conduzem à estratificação social em fenômeno intergeracional, proporcionando tratamento diferenciado com prejuízos.

Em seu estudo concernente a desigualdade racial no Brasil, Almeida (2019) considera como cerne do racismo a ideologia, a política, o direito e a economia, sendo a dimensão ideológica da democracia racial a negação do racismo, responsável pela culpabilização do próprio negro pelo não alcance às posições de prestígios. Neste sentido, há um discurso

meritocrático que sustenta a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal.

Como já mencionado aqui, o conceito “fracasso escolar”, abordado pela dimensão educacional, retrata a desresponsabilização das áreas econômicas, políticas e de direito, responsabilizando o estudante pelo resultado de seu desempenho (Patto, 2015). A partir de um contexto de ausência de garantias para que os estudantes pudessem ter bom êxito em sua trajetória escolar, organizações não governamentais contestatórias (cursinhos populares, por exemplo) foram se articulando, no sentido de ter acesso ao conhecimento com qualidade. Deste modo, cria-se alternativas para que seus objetivos sejam alcançados. Assim, não é por acaso que, no contexto de cursinho popular, há um número expressivo de jovens negros.

É primordial destacar as nuances que compõem a complexidade racial, que não se trata unicamente de um posicionamento ideológico (de representações e ideias), mas também econômico, político e de direito, como aqui apontado.

Ponderar o recorte racial abre espaço para pensar a questão relacional em todos os seus aspectos no mundo do trabalho, desmistificando o esforço meramente individual com políticas de enfrentamento aos mais diversos atravessamentos que poderão contribuir para a ideia de sucesso e fracasso em toda a construção enquanto sujeito.

Iniciamos nossas discussões referentes às noções de sucesso e fracasso profissional, apontando o “fracasso escolar” como resultado do projeto de ideal liberal, relegando o aluno a uma noção individualizante, de esforços próprios para atingir um futuro promissor.

Desta feita, problematizar o contexto de cursinhos populares como um espaço de apropriação de conhecimento e de extensão ao ensino médio, evidencia a necessidade de um espaço político que gere discussões que desmistifiquem o perfil ideal de trabalhador, pautado na noção liberal revestida de racialidade.

Assim, o enfrentamento político ao ideário de “sucesso e fracasso” possibilita alternativas para que os jovens construam uma noção de si mesmo atrelada à contribuição de instituições de ensino que problematizam a construção de projeto de futuro de vida desvinculado à imagem de noção liberal, podendo os jovens contar com rede de apoio para suas perspectivas de futuro de vida.

Para tanto, destaca-se a importância em trazer para a discussão da pesquisa entes educacionais de ensino básico ao curso de preparação para vestibular, como construção histórica que interroga o fazer político e os sistemas de educação e trabalho.

CAPÍTULO 2

UMA PSICOLOGIA DE PERSPECTIVA CRÍTICA DE ENFRENTAMENTO À NOÇÃO LIBERAL DO FRACASSO

A utilização dos referenciais teóricos nesta pesquisa, contribuem para o fazer psicológico crítico, evidenciando a função ideológica de segregação, as noções liberais de sucesso e fracasso profissional.

Um dos autores que nos ajudam a pensar criticamente o papel do psicólogo é Martín-Baró (Andrade, 2001). A referência de seus trabalhos possibilita localizar peculiaridades de países latino-americanos, que não necessariamente são de conhecimento de outras nações, no que tange aos aspectos de precarização social e desigualdade econômica.

Martín-Baró (1987) nos convida a pensar uma psicologia a partir da demanda das classes populares e nos interroga sobre nossas ações como psicólogos, assim como devemos estar suscetíveis a permitir que os oprimidos sejam protagonistas na construção das suas próprias identidades.

Trata-se de produzir um fazer psicológico evidenciado no cotidiano da vida em diferentes espaços (Martín-Baró, 1987, apud Gonçalves, 2020), evocado pela trajetória histórica dos oprimidos como norteadora da construção teórica, sem eximir construções existentes, mas questionando-as em todo o tempo, e se ela é válida como se propõem para determinada situações e atores, portanto, passível de interrogarmos sobre as noções de sucesso e fracasso profissional.

Assim, tendo o sujeito histórico como norteador para a construção teórica, cabe nos questionar acerca de diferentes atravessadores possíveis de acontecer, para pensar possíveis construções.

Desta feita, como não pensar em que medida o cotidiano implicaria na vida dos jovens, de modo a impactar em sua visão de mundo, em sua forma de se relacionar nos diferentes espaços e na maneira de enxergar a si mesmo nos desafios impostos para alcançar seu projeto de futuro. Teriam os jovens as noções de sucesso e fracasso profissional?

Na linha da discussão referente a importância da pergunta crítica do psicólogo frente às ações concretas do quefazer (Martín-Baró 1990 apud Andrade, 2001), pontua-se que ao nos

permitirmos formular perguntas concretas que abranjam estruturas conjunturais da sociedade, da política, da educação, do fazer psicológico, confrontamos condições sociais e proporcionamos aos jovens a possibilidade de refletir criticamente os determinantes sociais que os atravessam, por vezes relegando-os à condição de sucesso e fracasso assumidos pelos jovens a partir de determinações de papéis sociais.

Martín-Baró (1990) apud Andrade (2001) problematiza o cenário social evocando dimensões diversas de injustiça social, destacando que seria deveras pretensioso erradicar por completo as mazelas impostas socialmente, mas ao colocar em questão o *quefazer* psicológico, produzindo a "conscientização" não como racionalização, mas como um processo de decodificação das relações de poder, permitindo a produção de um novo saber de si mesmo e sobre a própria origem de classe, isto é de uma nova identidade social que possibilite a superação da humilhação e da vergonha de classe, da noção naturalizada de sucesso e fracasso.

Neste caminho, a ação do psicólogo não pode ignorar o saber popular (Banchs, 1982; Deconchy, 1984; Farr, 1984; Jodelet, 1984, Lane, 1985 apud Andrade, 2001), pois o cotidiano permeado pelo saber popular pode possibilitar questionamentos, em que o sujeito nas relações intergrupais e/ou interpessoais vai tomando contato com a consciência de si, para si, e para dar luz às questões que os atravessam e os mantém fora do alcance da autoimagem frente as noções de sucesso e fracasso profissional.

Em suma, o papel do psicólogo estaria voltado para contribuir para o processo de conscientização (Martín-Baró, 1990), o que significa que a "práxis" psicológica deve estar direcionada para: a) a superação da autoimagem do oprimido, estereotipada e desvalorizada socialmente; b) recuperação da memória histórica; c) contribuição para fortalecimento coletivo dos grupos marginalizados (Martín-Baró, 1990, apud Andrade, 2001).

Portanto, a elaboração da memória histórica e da identidade popular atuam como elementos de luta contra as ideias liberais de sucesso e fracasso, e o fortalecimento do tecido social e comunitário atua na mesma direção, contribuindo, ainda, para enfrentamento dos adoecimentos psíquicos de maneira a romper com a medicalização e com a individualização da saúde mental.

Desta feita, se faz necessário uma ação profissional que rompa com as estruturas injustas, proporcionando uma identidade pessoal e social autônoma (Andrade, 2001). Este é justamente o horizonte ético-político que orientou esta pesquisa.

A ação profissional engajada no combate às ações adoecedoras, enxerga na organização grupal (Martín-Baró, 1989 apud Martins, 2003) possibilidades de expressões referentes: a) aos aspectos pessoais, b) às características grupais, c) vivência subjetiva e de realidade objetiva, como forma de as experiências históricas no processo grupal proporcionarem compreensões sobre determinados fatores expressos na sociedade e nas suas pluralidades, (Lane, 1984).

Segundo Martín-Baró (1989) apud Martins (2003), a realidade social do grupo, os pequenos e grandes grupos, o caráter histórico dos grupos humanos, incidem em condições dialéticas "enquanto uma estrutura de vínculos e relações entre pessoas" (p. 4).

Assim, o processo grupal gera identidade grupal produzida pelo sentimento de pertença, e no que lhe concerne gera identificação (Martins, 2003), possibilitando elementos de análise a ser refletido pelo grupo, bem como contribuir para o fazer psicológico, como forma de expandir discussões sobre determinantes sociais, a exemplo, o "sucesso e fracasso profissional".

Tendo como base o grupo para proporcionar compreensões referentes às noções de sucesso e fracasso profissional, destaca-se que mesmo tendo uma formação grupal por identificação interpessoal, ou necessidades (Martins, 2003), ponderamos que, a palavra jovens, utilizada no plural, denota a pluralidade dos jovens, não podendo deixar de observar a partir da perspectiva da sociologia, a questão da juventude.

Ainda que necessária a mudança no modo de trabalho desta pesquisa, não nos furtamos em explicitar as discussões sobre os jovens e instrumento de ação a partir do grupo, por entender que o termo jovens na dimensão grupal é uma dimensão a ser explorada em novas pesquisas.

Dito isto, pensar na formação dos jovens nos espaços acadêmicos, como um dos marcadores sociais que inaugura a ampliação da socialização e as compreensões aos desafios a serem enfrentados para além dos muros da universidade, é *mister*.

No bojo da discussão referente ao processo de "conscientização" para a libertação, segundo Paulo Freire (1970/1987), o universo educacional é imbuído de personagens, os quais vão constituindo a consciência a partir da experiência vivenciada consigo mesmo e com aqueles que os cercam, ou seja, modos de estar no mundo de forma dialética com questões reais e concretas que perpassam a vida do ser humano.

Ao apresentar tais discussões, Freire (1987) faz um convite para pensar o processo de "conscientização" como premissa indispensável para a constituição do sujeito crítico, que não se aparta dos diversos atravessadores que lhe são expostos cotidianamente em suas atividades.

Sendo o processo de “conscientização” permeado pela interação com o mundo externo e o mundo interno, refletir sobre os modos de interrelação entre os atores que compõem cada espaço de formação, refere-se a uma vivência que está cotidianamente em conexão com eu-mundo, e esse mundo torna-se partícipe das mudanças e transformações, a partir da consciência que se tem de tudo que os circundam, ou seja, na mais tenra idade as relações de ordem familiar, de amizades, escolar, de trabalho, etc., nas suas mais diversas possibilidades de interagir dialeticamente, são passíveis em proporcionar uma visão de mundo em constante movimento que permite um caminhar autônomo.

A “conscientização” (Freire, 1987) é um processo que corresponde a uma análise crítica de si mesmo e do mundo que nos circunda. Implica em se redescobrir como pessoa e como sujeito de classe, refletir, manifestar-se e configurar novas realidades, portanto, diz de elementos que dão subsídios para a construção de uma memória histórica.

Na trama da discussão sobre a apropriação da liberdade a partir da consciência de si e do mundo (Freire, 1987), as noções de fracasso e sucesso frente às contradições societais, embora não se discuta na obra *Fracasso e Sucesso* nestes termos, a conceituação poderá ser elaborada criticamente no fazer dialético da historização, ao reconhecer que os meandros da história compõem a visão de mundo do sujeito.

Deste modo, falar sobre as noções de sucesso e fracasso profissional evoca um reconhecer-se na trama de estar no mundo, contrapondo os estabelecimentos de sectarização (Freire, 1987), de funções a serem desempenhadas pelos nichos de trabalhos. É poder se questionar se determinada atividade faz sentido ao jovem, quando este escolhe uma profissão. Uma construção de projeto de futuro construída com o jovem e não para o jovem. Trata-se de um princípio que dialoga com a psicologia da libertação (Martín-Baró, 1989), em seu fazer psicológico que convoca o pensar cotidiano em meio ao processo de conscientização.

Como temos apontado aqui na pesquisa, estar cônscio da questão de “sucesso e fracasso” no mundo do trabalho é possibilitar que os jovens se interroguem sobre os percalços que se presentificam no estabelecimento de projeto de futuro de vida, de modo que, ao perceberem as contradições que os cercam, frente a elas possam se organizar com políticas de enfrentamento, reconhecendo o libertar-se como algo que é tomado à força.

Falar sobre a liberdade como algo que precisa ser tomado à força, diz do engajamento em ocupar espaços que outrora não eram destinados ao pobre, para que neste espaço haja a liberdade em se permitir tomar contato com sua história, e a partir dela reconhecer as

fragilidades que a cercam, assim como reconhecer em si condições para transpor o lugar que para ele, sujeito, foi previamente estabelecido.

Segundo Freire (1987),

> O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos é o conteúdo do diálogo. Substitui-lo pelo anti-diálogo, pela slogalização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da "domesticação". Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. (Freire, 1987, p. 29)

Ou seja, as noções de sucesso e fracasso profissional, se encarado como condição individualizante, apartado dos engendramentos que corroboram para a manutenção da noção liberal, dispensa a reflexão de si mesmo e coloca os jovens na condição de massa de manobra de modo a atender as necessidades do mundo corporativo.

Parafraseando o que diz Freire (1987), não basta formar os jovens para eles serem inseridos no mercado de trabalho e garantirem seus salários, sem a superação da contradição e o enfrentamento das condições sociais, os colocando apenas no mundo de produção sem a "liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se" (p. 31).

Outro ponto a destacar são as formas de contribuições do psicólogo no que tange propiciar aos jovens caminhos que possibilitem conhecimento de si, e resulte em compreensões do mundo onde eles estão inseridos, contribuições na dimensão da *práxis* e não como depositários de um saber unilateral.

A crítica de Freire (1987) versa à educação como prática de dominação. Nesta direção, a libertação pressupõe a "práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (p. idem).

Dito isto, não podemos nos furtar em problematizar sobre o que antecede a entrada dos jovens no mundo do trabalho, ou seja, a construção do conhecimento nos espaços educacionais, pois, ao refletirmos sobre os elementos que se presentificaram e contribuíram para a formação acadêmica dos jovens, desde a sua tenra idade, na dimensão objetiva e subjetiva, compreenderemos que não se trata de apresentar as possibilidades profissionais, mas em trabalhar os elementos estruturantes que inviabilizam uma noção crítica, para então, poder dialogar sobre os interesses profissionais. Em suma, uma reflexão crítica sobre as relações que se estabelecem no escopo "homens-mundo e homem-homem" (Freire, 1987), entendendo a palavra homem aqui, como ser humano, portanto, abarcando todos os gêneros (grifo meu).

A reflexão crítica contrapõe a instrumentalização do sujeito, o estabelecer para o outro a atividade a desempenhar, no propósito único e exclusivo de atender as necessidades do empregador a partir das modalidades de trabalhos que vão sendo aventadas. Faz-se necessário refletir a respeito do movimento de incentivo para a formação de curto prazo, questionando se esses "gestos generosos" (Freire, 1987), não estariam controlando o direito de os jovens agirem no mundo, cerceando-os de subsídios e estabelecendo ou determinando o fazer, pois, se o incentivo tiver esse enfoque, nisto não há realização.

Toda e qualquer realização, pressupões a liberdade de criar e escolher.

> É que, somente na medida em que os homens criam o seu mundo, que é mundo humano, e o criam com seu trabalho transformador – se realizam. A realização dos homens, enquanto homens, está, pois na realização deste mundo. Desta maneira, se seu estar no mundo do trabalho é um estar em dependência total, em insegurança, em ameaça permanente, enquanto seu trabalho não lhe pertence, não podem realizar-se. O trabalho não livre deixa de ser um quefazer realizador de sua pessoa, para ser um meio eficaz de sua reificação. (p. 82)

Falar sobre o "tema gerador" (Freire, 1987) na discussão da pesquisa, incidi em práxis, em se apropriar das ações que interferem diretamente no modo de vida do sujeito, no intuito de aprofundar nas reflexões críticas, e para assim contribuir, dando contorno a existência humana em torno da realidade que o cerca. Na relação interpessoal é preciso considerar a codificação (visual, auditiva, tácita) a partir da realidade que o educando enuncia através de suas necessidades, de modo a problematizar o tema apresentado pelos sujeitos.

Uma práxis contextualizada e crítica, no sentido de ler não apenas a palavra, como disse Freire, mas ler a realidade, decodificando as relações do poder na direção da conscientização, tem efeitos importantes para o questionamento das noções liberais de sucesso e fracasso, contribuindo para historicizar estas noções, desnaturalizando-as, enquanto refletindo sobre quem está em vantagem social e econômica e se beneficia desta ideologia.

Do ponto de vista da prática profissional, em consonância com o pensamento de Martín-Baró (1990) sobre a psicologia da libertação e de Patto (2015) sobre a ideologia do fracasso escolar, entendemos que a ação profissional do psicólogo pode contribuir: (1) para questionar junto a sociedade e as próprias vítimas do sucesso, quais as raízes sociais e culturais do fracasso. Neste sentido, como afirma Martín-Baró (1990), é necessário resgatar/fortalecer a memória histórica dos povos marginalizados, aproximando o sujeito de suas origens e das lutas coletivas

que deram origem aos seus direitos sociais e a sua cidadania; (2) contribuir para superar a visão culpabilizadora do sujeito isolado, que humilha, rebaixa, fragmenta o sujeito, gera sofrimento psíquico e o marginaliza social e economicamente; (3) nesta direção, Bock (2018) e Ribeiro (2014) apontam implicações para as práticas de Orientação Profissional, sendo ela contextualizada, não entendida apenas como atividade técnica, mas ético-política; (4) também é necessário encarar a realidade na própria formação do psicólogo e discutir o impacto da ideologia na constituição da subjetividade.

Apontar as implicações práticas passíveis de ocorrer na Orientação Profissional é possibilitar uma comunicação explícita dos percalços enfrentados pelos jovens precarizados socialmente, concernente aos obstáculos enfrentados por eles na trajetória escolar e societal, e pode viabilizar a “conscientização” da sua real condição social, mas também proporcionar reflexão sobre as contradições (Freire, 1987), para assim ter direcionamento sobre as ações das quais os jovens queiram se organizar e enveredar, tanto como forma estratégica de um fazer profissional, como de noção real do vir a ser realizado por eles, os jovens.

CAPÍTULO 3

MÉTODO

3.1 Considerações metodológicas

Existem diferentes formas metodológicas no campo da psicologia. No entanto, para a dissertação aqui apresentada, escolhe-se a dimensão construtiva-interpretativa, considerando ser uma pesquisa qualitativa. Deste modo, evidenciamos a relevância da teoria da subjetividade desenvolvida por González, referente a importância da subjetividade concomitante ao empírico, sem que as categorias se sobreponham uma à outra (Peres, 2019).

Segundo Gonzalez Rey (2017) a epistemologia qualitativa ao considerar a subjetividade como forma de análise do sujeito, na complexidade da existência do ser humano, ela não ignora as dimensões concretas que permeiam o sujeito, pois considera as questões nos âmbitos "bioquímico, fisiológico, ecológico, laboral, saúde, etc." (p. 14).

O autor também problematiza a importância em refletir sobre os fenômenos passíveis de acontecer na vida do sujeito, não como algo dogmático, mas como expressão da natureza humana, ou seja, é um processo amplo que abarca reflexões, ações, nuances, transformações, mudanças, questões da singularidade permeada pela pluralidade em constante movimento nos diversos espaços sociais.

Gonzalez Rey (2017) explicita que para fundamentar a pesquisa, não é necessário se ter uma produção empírica de escopo universalista, mas assevera a importância do empírico como parte da construção do conhecimento, quando este se pauta em conhecimento histórico e humano, no propósito de apresentar as categorias como construções de pensamentos, assim como construção teórica.

> O conhecimento é um processo de construção que encontra legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo. (González Rey, 2017, p. 7)

Ao abordar sobre a construção da pesquisa, Rey destaca que a construção implica em conhecimentos que se expressam na singularidade, na formulação das hipóteses, nas

informações obtidas, no objetivo da pesquisa, nas ideias, no cotidiano, nas culturas, nos espaços de vida social, na subjetividade.

Ao considerar a subjetividade como um fenômeno gerador e não apenas reprodutor da realidade, ele destaca que a necessidade de se compreender, por exemplo, as representações sociais presentificadas “nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade” (p. 24), como fenômenos em movimento, são passiveis de serem modificadas e personalizadas.

Deste modo, as noções de sucesso e fracasso devem ser analisadas concretamente, considerando que a subjetividade tem uma capacidade de produzir sentido próprio em suas formas de visão de si e do mundo, referente aquilo que está posto histórica e socialmente.

Ao desenvolver sua teoria da subjetividade, o autor apresenta críticas ao positivismo e as limitações de uma pesquisa orientada nesta perspectiva, que se limita aos fenômenos observáveis e ocorrências empíricas, buscando apenas generalizações e ignorando as especificidades e a complexidade dos processos subjetivos ancorados na criatividade, imaginação, volição e outros fenômenos psicológicos superiores. Na perspectiva aqui adotada, as emoções são consideradas como desimpedimentos à formulação de um método de pesquisa e como objeto de estudo e análise.

As críticas de González Rey ao positivismo também dizem respeito ao uso dos instrumentos de medição de dados quantificáveis como elementos que abarcam um caráter de reificação (coisificação) do empírico, desconsiderando a complexidade dos aspectos da subjetividade. Segundo ele, “a complexidade expressa uma tensão constante entre organização e processo, entre continuidade e ruptura, que rompe com o determinismo mecanicista” (p. 18).

Quando o autor afirma que se orienta a partir do caráter construtivo-interpretativo (González Rey, 2017), ele está dizendo que o conhecimento é uma construção que permite a existência da “zona de sentidos”, entendida como espaço de inteligibilidade, e a “zona de sentidos” possibilita a capacidade de gerar diferentes campos de inteligibilidade. Ou seja, uma pessoa que tem um determinado conhecimento, pode ampliar seus conhecimentos com novas zonas de inteligibilidade produzindo novos conhecimentos. Portanto, o conhecimento se configura em um processo permanente, que vai avançando para novos momentos de inteligibilidade.

Ao se referir sobre o conhecimento, González Rey está mencionando que o conhecimento é uma construção realizada pelo pesquisador que se propõe a estudar

determinado objeto de pesquisa, e vê nesta construção, condições de aprofundamento epistemológico que permitem estudos e articulações de zonas para novos conhecimentos.

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 6 jovens em idade escolar de ensino médio e em vias de adentrarem ao curso superior, sendo 1 oriundo de cursinho popular, 1 de cursinho particular, 3 que declararam não terem feito cursinho popular, e 1 que não mencionou se era de cursinho popular. Foram 3 jovens do sexo feminino e 3 jovens do sexo masculino, tanto do Estado de São Paulo, como Rio de Janeiro e Pará.

Estabeleceu-se como critério de participação jovens de 18 a 25 anos, considerando ser a realidade de vida dos jovens com idade inferior aos 26 anos, diferente das dos jovens adultos de faixa etária maior que 25 anos.

Segundo Trancoso e Oliveira (2016), conceituar o termo jovens não é uma tarefa fácil, haja visto estar imbricado na complexidade das transformações históricas sociais.

São utilizados diferentes termos para designar a faixa etária dos jovens, sendo eles juventude/juventudes (Trancoso & Oliveira, 2016), juventude/adolescência, adolescente/adolescência ou jovem/juventude. Um conceito que abarca significações das quais os pesquisadores não dão conta em preconizar um único termo. No entanto, a partir das análises realizadas por meta busca, observou-se que 85% dos autores analisados (Trancoso & Oliveira, 2016), utilizam o termo juventudes, no plural, por compreender a heterogeneidade no modo de vida da juventude.

Observaram-se alguns aspectos norteadores que pudessem determinar o modo juventude, os quais dizem respeito aos processos históricos, sociais e culturais, com marcadores do sistema liberal, neoliberal, delimitados pelo tempo e espaço.

Compreende-se que o termo juventude, também entendido como tempo e devir, reserva questões de direitos e deveres, as quais inserem a juventude no trabalho, na política, na cultura, nas responsabilidades sociais (Trancoso & Oliveira, 2016), para as quais é necessário suporte dos adultos àqueles que não são considerados crianças e nem adultos, estando em processo de

desenvolvimento humano, aspecto esse discutido no campo da sociologia e problematizado do ponto de vista ideológico (Groppo, 2015).

O quadro 1 permite visualizar dados sociodemográficos dos participantes.

Quadro 1 – Perfil dos participantes (Google Forms).

Participantes	Idade	Local de Nasc.	Sexo	Gênero	Cor/raça	Cidade onde mora	Zona	Estado
P 1	23	Ananindeua	F	Outro	Parda	Ananindeua	L	PA
P 2	25	São Paulo	F	Cisgênero	Branca	São Paulo	N	SP
P 3	19	S/Informação	M	Outro	Parda	Rio de Jan.	N	RJ
P 4	24	Santo André	F	Cisgênero	Parda	Mauá	L	SP
P 5	24	São Paulo	M	Cisgênero	Branca	São Paulo	L	SP
P 6	25	São Paulo	M	Cisgênero	Parda	São Paulo	L	SP

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

No propósito inicial de entender como os jovens vulnerabilizados socialmente (Rascovan, 1998), oriundos de cursinhos populares, compreendiam as noções de sucesso e fracasso profissional, o critério de participação também se configurou em entrevistar jovens de cursinhos populares. Assim, o formulário foi disponibilizado a partir de 26 de janeiro de 2021, nos grupos virtuais do cursinho popular Educafro.

Em virtude de não respostas ao formulário de pesquisa disponibilizado nos grupos virtuais da Educafro, foi solicitado que professoras de escolas públicas, pessoas atuantes em movimentos sociais, pudessem colaborar com a divulgação do formulário de pesquisa.

O prazo para a coleta de dados encerrou-se no dia 5 de maio de 2021. O quadro 2 permite a visualização do perfil acadêmico dos entrevistados, no que se refere à participação em cursinhos de preparação para o vestibular.

Quadro 2 – Perfil acadêmico dos participantes (Google Forms).

Participantes	Ensino Médio	Cursinho Popular	Onde	Quanto Tempo

P 1	Totalmente na Escola Pública	Sim	Movimento Popular da Juventude	1 ano
P 2	Totalmente na Escola Pública	Não	Não	Não
P 3	Totalmente na Escola Pública	Não	Não tenho	Nunca fiz
P 4	Totalmente na Escola Pública	Não	-	-
P 5	Totalmente na Escola Privada	Não	Não cursei	Não cursei
P 6	Totalmente na Escola Privada	Sim	Etapa	4 meses

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

Deste modo, o panorama dos participantes na pesquisa diversificou-se quanto ao local de moradia, condições sociais e econômicas e de formação preparatória para vestibular.

No quadro 3, que faz referência ao perfil de renda familiar, há um panorama referente à diversificação dos valores salariais dos participantes, demonstrando não haver predominância de participantes de baixa renda.

Quadro 3 – Perfil Renda Familiar, considerando todos os que moram na mesma casa (valor do salário-mínimo = R$ 1.100,00 – mil e cem reais).

Participantes	**1 a 2 salários**	**3 a 4 salários**	**5 a 6 salários**	**7 ou mais salários**
P 1	X	—	—	—
P 2	X	—		
P 3	X	—	—	—
P 4	—	—	—	X
P 5	—	—	X	—
P 6	—	X	—	—

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

3.3 Procedimento de coleta de dados

Foi desenvolvido um formulário no Google Forms para coleta de dados e agendamento das entrevistas, possibilitando que o(a) participante tomasse contato com os temas sugeridos, referente ao mundo do trabalho e suas dimensões, de forma mais livre, ampliando suas reflexões previamente explicitadas a partir da escrita.

Para a formulação dos instrumentos de pesquisa, consideraram-se elementos presentes nas trajetórias acadêmicas dos jovens vulnerabilizados socialmente (Rascovan, 1998), trajetórias caracterizadas por responsabilização dos jovens quanto à implementação de seus esforços para garantir a entrada na universidade e alcançar bons empregos, ações essas possivelmente sustentadas por pensamentos meritocráticos e de noção liberal de sucesso e fracasso, no âmbito profissional.

A princípio considerou-se acompanhar jovens vulnerabilizados socialmente (Rascovan, 1998), alunos de cursinhos populares na cidade de São Paulo, ambos os sexos, pobres e com recorte racial de pretos e pardos, com idades entre 18 e 25 anos, para depreender informações sobre as noções de sucesso e fracasso profissional, frente às mudanças que ocorrem sistematicamente no mundo do trabalho. Para tanto, se realizariam quatro encontros no formato de grupo focal, como forma de proporcionar um ambiente que pudesse ser facilitador para que as temáticas sucesso e fracasso no mundo do trabalho fossem evidenciadas na noção dos jovens.

No entanto, não foi possível a realização dos grupos presenciais com o público de cursinhos populares em razão da conjuntura de saúde pública, eliciada pela Covid-19, doença ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) no ano 2020, conhecidamente como contexto pandêmico, que convocou, necessariamente, toda a população brasileira a realizar o isolamento social (Spink, 2021) como medida preventiva à contaminação pelo vírus supracitado.

Decidiu-se então pela coleta de dados no escopo de entrevista individual como parte de instrumento de pesquisa, considerando que a comunicação não seria somente através da escrita (Google Forms), mas também mediada pela videochamada (aparelho celular).

A prática de uso de diferentes instrumentos é anterior à psicologia. Bourdieu (1975), Ferrotti 1990), Geertz (2001), Goudner (1970) e outros teóricos são evidenciados na obra de González (2017) como críticos que definem “por instrumento toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa” (p. 42), evidenciando uma relação entre pesquisador e pesquisado em um processo para além de um formato concreto e direcionado, pois na interação é possível ocorrer uma conversação livre, de

impressão singular, abarcando questões subjetivas que não se limitam a um caráter meramente informativo.

Os instrumentos foram elaborados com base em hipóteses, a saber: (1) se os esforços pessoais eram determinantes para garantir uma vaga na universidade e no âmbito de trabalho; (2) qual, efetivamente, é o ideal de sucesso e fracasso de jovens; 3) se elementos de racialidade influenciavam em questões de oportunidades de emprego, atribuindo ao sujeito a responsabilidade pelo fracasso educacional e, ou, profissional.

Assim, o instrumento foi formulado em dois eixos: (1) solicitação de dados sociodemográficos (como moradia, renda familiar e outros informados nos quadros 1, 2 e 3); (2) 6 perguntas dissertativas específicas sobre o mundo do trabalho, e 2 perguntas referentes aos dados pessoais para contato posterior, no intuito de realizar a segunda parte da pesquisa: a entrevista.

No que se refere às perguntas dissertativas dos dados sociodemográficos (Google Forms), estruturou-se como segue: a) as perguntas 1 e 2 retratam questões referentes a gênero, no intuito de saber se o gênero determina a área de atuação de trabalho; b) as perguntas 3 e 4 são concernentes a meritocracia, e questionam o entendimento do jovem sobre o esforço pessoal e noção de fracasso; c) a de número 5 é concernente ao impacto das informações nas escolhas dos jovens e no entendimento referente ao mundo do trabalho; e d) a de número 6 questiona o tema racialidade e busca verificar como seria a questão racial para os jovens.

O quadro 4 proporciona uma visão geral das perguntas dissertativas, disponibilizadas no Google Forms.

Quadro 4 – Perguntas dissertativas afirmativas, realizadas via Google Forms, sendo este o primeiro momento de coleta dos dados.

Pergunta 1	**Pergunta 2**	**Pergunta 3**	**Pergunta 4**	**Pergunta 5**	**Pergunta 6**

O perfil do(a) jovem define a escolha profissional. Você concorda ou discorda? Por quê?	Existem profissões mais adequadas para homens e para mulheres. Você concorda ou discorda? Por quê?	Alcançar o sucesso profissional, depende do empenho pessoal do(a) jovem. Você concorda ou discorda? Por quê?	Não conseguir o que se pretendia no estudo, ou trabalho, está relacionado a falta de interesse. Você concorda ou discorda? Por quê?	As redes sociais como Facebook, Youtube, Instagram, e a TV, são meios de comunicação que orientam para a escolha da profissão. Você concorda ou discorda? Por quê?	A questão racial não influencia na contratação de emprego. Você concorda ou discorda? Por quê?

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

Já para as perguntas realizadas na entrevista individual, elegeu-se figuras de personagens no intuito de suscitar discussões sobre o tema, pergunta e hipóteses da pesquisa, estruturando-se como segue: 1) foi solicitado que os participantes falassem sobre duas pessoas de sucesso e explicassem porque eles entendiam que aquelas pessoas eram de sucesso; 2) pedimos que os participantes falassem sobre duas pessoas as quais eles entendiam ser de fracasso, e tal qual foi solicitado na pergunta de número 1, pedimos que explicassem porque compreendiam que as pessoas apontadas eram exemplos de fracasso; 3) solicitamos que os participantes falassem sobre uma pessoa famosa e explicassem porque ela era considerada famosa para eles.

No quadro 5 é apresentada uma visão geral das perguntas feitas nas entrevistas com os participantes, referente ao sucesso e fracasso profissional.

Quadro 5 – Perguntas referentes ao sucesso e fracasso profissional, realizadas na entrevista, sendo esta o segundo momento das informações concedidas.

Pergunta 1 (entrevista)	**Pergunta 2 (entrevista)**	**Pergunta 3 (entrevista)**
Fale sobre duas pessoas de *sucesso*. Explique por que você entende que elas têm *sucesso*.	Fale sobre duas pessoas de *fracasso*. Explique por que você entende que elas têm *fracasso*.	Fale sobre uma pessoa *famosa*. Explique por que ela é *famosa*.

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

Ainda sobre os instrumentos relacionados às figuras utilizadas no intuito de suscitar discussões sobre o tema, a pergunta referente à figura apresentada ficou como segue: 4) que contassem a história de uma pessoa negra, a partir da imagem apresentada, sendo essa imagem de um homem negro vestido como executivo(a), no intuito de saber que tipo de emprego essa

pessoa negra ocupava. De igual forma, que contassem também a história de duas pessoas brancas, também apresentadas por meio de imagens, vestidas com roupas básicas, para igualmente saber que tipos de empregos elas ocupavam.

No quadro 6 é apresentada uma visão geral das perguntas feitas nas entrevistas com os participantes, referente às imagens dos personagens/figuras.

Quadro 6 – Pergunta referente as imagens dos personagens, sendo estas realizadas nas entrevistas. As imagens utilizadas estão no Anexo A.

Pergunta 4 (entrevista)	**Imagem A**	**Imagem B**	**Imagem C**
Conte uma história a partir da imagem dessas pessoas. Que tipo de emprego elas ocupam?	Homem negro	Homem branco	Mulher branca

Fonte: Tabela elaborada pela autora, conforme dados coletados.

No que se refere ao processo de participação dos jovens na pesquisa, iniciou-se com o contato prévio a partir da submissão de convite através da mídia WhatsApp. Atrelado ao convite estava o formulário de pesquisa com espaços para a escrita e registro de suas reflexões, e espaço reservado para aceite de participação da entrevista, a fim de se ter um contato mais próximo, virtualmente, possibilitando a observação no modo de interação com as perguntas e a presença do(a) pesquisador(a).

Assegurando-se a participação dos jovens a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tal qual descrito no anexo B, dentre os 6 jovens que responderam os formulários, 4 responderam o aceite em participar da entrevista e 2 não aceitaram o convite.

Os jovens que aceitaram participar da entrevista foram contatados via e-mail e WhatsApp, para que se fosse formalizado o agendamento e feita a solicitação para que se informassem os dias e horários disponíveis para sua realização.

Dos 4 jovens contatados via endereço eletrônico, 3 responderam indicando os dias e horários disponíveis para a participação da entrevista, e 1 não respondeu o e-mail.

A partir da delimitação de dias e horários disponíveis, foi realizado contato via WhatsApp para informar sobre o agendamento da entrevista.

No dia agendado, foi enviada uma mensagem 20 minutos antes do horário previamente estabelecido pelos participantes, informando que a entrevista se iniciaria dentro de 20 minutos, de modo que o participante pudesse se organizar.

É mister destacar que foi oferecido aos participantes um espaço de escuta responsável, no formato individual, para que eles pudessem trazer suas inquietações e contribuições para problematizar ações naturalizadas e introjetadas, como sendo algo individual e não da estrutura do mundo do trabalho, atravessado pela questão política/econômica.

3.4 Procedimento de análise

A análise e a interpretação das informações se pautaram no modelo construtivo-interpretativo. Deste modo, realizou-se a análise de conteúdo para depreender o que está por trás das palavras – isto é, os sentidos, os entendimentos particulares de um significado compartilhado socialmente, a personalização das informações. Deste modo, valorizaram-se as singularidades das narrativas dos participantes (González Rey, 2017), como uma forma de acessar a compreensão deles acerca do fenômeno estudado.

Concernente a articulação entre sentidos e significados das palavras enunciadas pelos entrevistados, Aguiar, Soares e Machado (2015) ampliam a discussão, respaldando o núcleo de significação à dimensão histórico-dialética como um processo dialético em que o pesquisador não pode deixar de lado alguns princípios, como a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelo sujeito, as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo, bem como deve considerar que as significações constituídas pelo sujeito não são produções estáticas, mas que elas se transformam na atividade da qual o sujeito participa (Aguiar et al., 2015).

Seguimos, na prática, o seguinte caminho: após leitura e releitura das narrativas transcritas literalmente, identificamos temáticas ampliadas para, posteriormente, realizar a análise teórica dos conteúdos separados por temas. A análise teórica buscou identificar os sentidos e as singularidades de cada discurso relacionado a temas diferenciados e, por fim, buscou identificar similaridades e diferenças entre as narrativas, gerando as unidades de sentido.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

Neste processo de constituição de significações produzidas pelo sujeito, e no intuito de explicitar nuances das narrativas dos(as) participantes, construímos categorias de sentido (González Rey, 2007), que chamaremos aqui de unidades de sentido (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016), as quais se caracterizam em sentidos subjetivos e abarcam experiências vividas pelos sujeitos. Deste modo, apresentamos as seguintes unidades de sentido: 1) noções de sucesso e fracasso; 2) aplicabilidade do gênero no mundo do trabalho; 3) influência das mídias; 4) racialidade no trabalho, e unidades de sentido adjuntas, sendo elas: 1) esforço, 2) falta de interesse e 3) perfil.

Neste processo de organização de unidades de sentido (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016), é importante destacar que para delimitá-las, todas as etapas que antecedem a sistematização delas dizem do objetivo interpretativo e processos de obtenção de dados, a fim de que a análise propicie a interpretação prevista, referente às compreensões dos(as) participantes da pesquisa (Selltiz, 1975).

Deste modo, descreve-se abaixo, as unidades de sentido (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016), acompanhadas das narrativas dos(as) participantes, sendo:

Unidade de sentido 1 — Noções de sucesso e fracasso

Esta unidade de sentido reúne narrativas que versam sobre as noções de sucesso corroborando ou não a ideologia liberal, como afirmaram Chauí (2020) e Treanor (2005). Serão explicitadas as informações coletadas durante as entrevistas, a respeito das falas dos participantes sobre pessoas de sucesso.

1. A) Noção de Sucesso

Participante 1 (P1) – é parda, tem 23 anos, mora com os pais, é do estado do Pará, e concluiu o ensino médio. P1 relatou o seguinte:

> Duas pessoas que eu conheço de sucesso? Eu poderia dizer que, ãn, meu professor, meus professores. (…) eles conseguiram conquistar a carreira deles como professores, e eles atuam muito bem, é, dentro da área da escolha da carreira deles, (…) além de tudo conseguir, né, conquistar uma carreira e chegar, né, aonde a pessoa tá, tem gostar, né, do que ela faz, né? Eu acho que pra mim é algo que define que, uma carreira de sucesso.

Participante 2 (P2) – é branca, tem 25 anos, mora com os pais, é do estado de São Paulo, e concluiu o ensino médio. P2 nos disse:

> É! Pode ser famoso? Me veio agora Steven Jobs. Por tudo, por ele ser tão visionário! Ter criado a Apple e tudo junto com Bill Gates.

Participante 4 (P4) – é parda, tem 24 anos, mora com os pais, é do estado de São Paulo, concluiu o ensino médio e já se graduou. P4 contou-nos:

> Sucesso? Nossa! Que pergunta difícil! (…) a primeira pessoa que eu vou citar é minha mãe. (…) Foi funcionária pública a vida inteira, né, então ela teve uma certa estabilidade na vida, estabilidade financeira, uma estabilidade na vida profissional, apesar dos altos e baixos. (…) E os dois filhos criados, mesmo que ainda morando na casa dela, é, conseguiram terminar a faculdade, e acho que, engraçado que meu irmão, ele se formou esses dias, e aí ela olhou pro meu pai e falou assim: acho que agora a gente é missão cumprida, né, tudo que a gente tinha que fazer a gente já fez, e agora, é meio que daqui pra frente são eles.

No que concerne a "noção de sucesso", observamos que as narrativas trazem como temas a conquista pessoal, realização satisfatória (fazer o que gosta), criatividade, ter perspectiva de futuro, estabilidade, conhecimento, competência, humanidade e liderança.

No entanto, os propósitos de vida de trabalho são apresentados como resultados de esforços pessoais, sem mencionar intervenções estruturais no escopo social, e o aspecto família não é necessariamente mencionado como pano de fundo para a construção da trajetória de vida de trabalho.

Ainda atrelada à "noção de sucesso" o(a) participante 1 (P1) aponta a cantora Shakira como alguém que tem uma carreira promissora, em função dos trabalhos sociais e pelo reconhecimento mundial. O(a) participante 2 (P2) correlaciona a noção de sucesso com a benevolência e esforço pessoal do dono da Cacau Show, e o (a) participante 3 (P3) elenca a questão de sucesso à "garra, determinação e disciplina de Cristiano Ronaldo".

Unidade adjunta <u>Empenho Pessoal</u>

Correlacionada à unidade de sentido "noção de sucesso", está a unidade adjunta *empenho pessoal*, no intuito de compreender os caminhos traçados pelos jovens para alcançar o sucesso. Portanto, subscrevemos o elemento empenho pessoal, como categoria adjunta do sucesso. Diante dessa posição, a pesquisadora afirma que para alcançar o sucesso profissional, depende-se do empenho pessoal do(a) jovem. A afirmação foi para que os participantes se expressem.

Segue as palavras de P1:

> Mais uma vez, isso vai depender das variantes que acontecem na vida de cada pessoa. Por exemplo, é mais fácil para um homem ser promovido dentro de uma empresa, muito pelo fator gravides de uma mulher.

P2 relatou sobre empenho pessoal da seguinte maneira:

> (…) tem que existir um empenho pra alcançar aquilo que almeja.

P3 disse:

> Tudo tem que ter esforço.

P4 externou:

> O empenho é extremamente importante, mas sejamos francos, a meritocracia não existe. Há pessoas que já começam pra trás, e isso pode inferir no seu processo de crescimento ou torna-lo mais lento.

P5 afirmou:

> Há estruturas a romper na sociedade brasileira que vão muito além do empenho.

P6 relatou:

> Concordo em partes, dependendo da situação socioeconômica da pessoa, passará por grandes dificuldades.

No que tange a categoria adjunta *Empenho Pessoal*, os(as) participantes P1, P4, P5 e P6 foram categóricos em dizer que o empenho está correlacionado aos fatores externos, que independem do sujeito. Elementos como estrutura socioeconômica e de gênero são evidenciados como atravessadores para alcançar sucesso. Os(as) participantes P2 e P3 são convictos de que o sucesso está correlacionado aos esforços pessoais.

1. **B) Noção de Fracasso**

Atrelado ao fator *fracasso*, pedimos que os participantes relatassem sobre duas pessoas de fracasso. Quanto a opinião dos participantes:

P1 compartilhou:

> (…) meus pais. A minha mãe porque ela ainda não trabalha com o que ela gosta, (…) não é de carteira assinada. (…) Meu pai, apesar de ele ter o negócio próprio, é, não é algo que seja tão rentável pra ele.

P2 falou:

> (…) não conheço. Johnny Depp, (…) ele queria ser músico e não deu certo, aí ele foi por outro caminho (…) eu não acho que isso seja fracasso.

P4 disse:

> (…) um tio meu (…), ele não buscou crescer, não buscou estudar, não buscou desenvolvimento (…) na vida profissional, nem na vida pessoal (…). Só vive (…). Vejo isso como um fracasso.

Quanto a “noção de fracasso”, em duas narrativas apresentam-se temas como insatisfação, baixo rendimento salarial, ausência de conhecimento acadêmico e profissional (instabilidade), ausência de planejamento pessoal e/ou profissional.

Apenas um participante entende ser o fracasso um fator que não se aplica, podendo o sujeito ter uma não realização de objetivo profissional, mas que não se configura como fracasso.

Unidade adjunta <u>Falta de Interesse</u>

Atrelada à unidade de sentido "noção de fracasso", está a unidade adjunta *falta de interesse.* Para entender os caminhos enveredados pelos sujeitos que os inscrevem na condição de "fracasso", subscrevemos o elemento falta de interesse como categoria adjunta ao fracasso. Deste modo, foi colocado aos participantes a seguinte afirmação: não conseguir o que se pretendia no estudo, ou no trabalho, está relacionado a falta de interesse. Os(as) participantes disseram:

P1 realizou o ensino médio totalmente em escola pública, frequentou durante um ano o cursinho popular e é de família com renda total de até 2 salários-mínimos. Externou sua opinião dizendo:

> Porque depende dos fatores de vida das pessoas.

P2 fez o ensino médio totalmente na escola pública, não fez cursinho popular e é de família que possui renda de 1 a 2 salários-mínimos. Relatou o seguinte:

> Acredito que existam vários fatores que podem interferir e isso pode acarretar em um resultado negativo.

P3 estudou o ensino médio totalmente em escola pública, sem ter feito cursinho popular. Sendo ele membro de família que ganha de 1 a 2 salários-mínimos, relatou o seguinte:

> Quem se interessa aprende.

P4 realizou o ensino médio totalmente em escola pública, não fez cursinho popular e é de família com renda salarial de mais de 7 salários-mínimos. Quanto à falta de interesse afirmou:

> A pessoa precisa do interesse e das variações externas a seu favor para que tenha um bom desempenho nos estudos e na vida profissional.

P5 estudou o ensino médio totalmente em escola privada, não fez cursinho e a renda familiar é de 5 a 6 salários-mínimos. Quanto a sua opinião sobre falta de interesse, disse:

> A questão também envolve pautas sociais. Nossa sociedade não é simplesmente baseada no mérito.

P6 fez o ensino médio totalmente na escola privada, estudou em cursinho privado durante 4 meses e sua família tem renda de 3 a 4 salários-mínimos. Relatou o seguinte:

> Concordo em partes. Dependendo da situação socioeconômica da pessoa, passará por grandes dificuldades.

Concernente à categoria adjunta *Falta de Interesse*, do conjunto "noção de fracasso", ela aparece como elemento responsável para o não alcance ao estudo e/ou trabalho, presentificado na fala do participante nº3 (P3), sendo favorável ao pensamento meritocrático, responsabilizando o sujeito em ter esforços próprios para conseguir o que se pretende no estudo ou trabalho. Sendo os(as) participantes P1, P2, P4, P5 e P6 favoráveis à não responsabilização do sujeito frente ao "fracasso" educacional e/ou profissional.

Unidade de sentido 2 – Aplicabilidade do gênero no mundo do trabalho

A unidade de sentido número 2 se refere à aplicabilidade do gênero no trabalho, tendo como intenção saber se a identidade de gênero influencia na contratação para o trabalho, e se o participante entende que a capacidade é estabelecida a partir do gênero, ou não. De acordo com Lima, Voig, Feijo, Camargo e Cardoso (2017), gênero caracteriza um lugar de disputa por

reconhecimento e garantia de direitos assegurados por lei, assim como se utilizam esforços para a desnaturalização da desigualdade social, econômica e cultural endereçado ao feminino.

Evidencia-se que as discussões referentes as diferenças entre os gêneros masculino e feminino, se propõem encontrar a libertação nas contradições sociais e na resistência à exploração. Assim, foi apresentada aos participantes a seguinte afirmação: existem profissões mais adequadas para homens e para mulheres.

P1, de gênero não identificado, no que se refere a categoria gênero, afirmou:

> A profissão não pode se basear gênero (…). Todos estão aptos.

P2, cisgênero, quanto à categoria gênero, falou:

> Hoje, qualquer pessoa pode desempenhar qualquer profissão, independente de gênero.

P3, de gênero não identificado, quanto à categoria gênero, falou:

> Todas as profissões podem ser exercidas por ambos.

P4, cisgênero, relatou o seguinte:

> Homens e mulheres tem exatamente a mesma capacidade.

P5, cisgênero, afirmou:

> Todos têm a mesma capacidade. A estrutura machista nos leva a crer que há essa diferenciação, quando não é verdade.

P6, cisgênero, falou:

> Todos tem a mesma capacidade.

Os (as) participantes são unânimes quanto a aplicabilidade das ações/atividades serem independentes do gênero, ou seja, o gênero não determina a capacidade de execução de tarefas, contrapondo crenças referentes aos trabalhos designados para o feminino e trabalhos direcionados para o masculino, estratificando ocupações que outrora eram desempenhadas conforme o gênero da pessoa.

Unidade adjunta Perfil

Destacamos que a unidade de sentido adjunta, perfil, relaciona as características físicas da pessoa para evidenciar se o perfil do(a) jovem define a escolha profissional. Para tanto, afirmou-se: O perfil do(a) jovem define a escolha profissional.

As respostas obtidas foram:

P1 relatou sua opinião sobre a questão perfil:

> Às vezes, dependendo de muitas situações, a pessoa não escolhe sua carreira profissional. Ela pega o primeiro emprego que conseguir.

P2 fez as seguintes considerações:

> Sim, isso varia da personalidade e características de vida de cada pessoa na hora de escolher a profissão.

P3 falou a seguinte ideia:

> Adquirir conhecimento.

P4 externou:

> O perfil da pessoa está relacionado com seus valores e com seu propósito de vida (…). Deve ser a variável mais importante a ser considerada quando se vai escolher o caminho profissional.

P5 falou:

> É nosso direito escolhermos o nosso futuro, independente do nosso perfil.

P6 disse:

> O perfil pode influenciar nos gostos da pessoa.

Correlacionada a unidade adjunta *Perfil*, entende-se que ela pode delinear tanto características físicas da pessoa, como aspectos de representações sociais, assim como de identificação profissional.

Compreendido aqui como noção liberal relacionada ao aspecto individual, os(as) participantes P2, P4 e P6 indicam o aspecto perfil como elemento que influencia para a escolha do emprego, pois abarca questões da personalidade e qualidade de vida. Enquanto que, para o participante 1 (P1), a escolha profissional do sujeito está correlacionada a fatores externos. Já o participante P3 responde de forma abrangente, sem se aprofundar na questão apresentada.

Correlaciona-se o perfil à unidade de sentido de gênero, no intuito de obter informações referentes às atividades desempenhadas no mundo do trabalho: se o feminino ou o masculino enfrentam barreiras em determinados nichos.

Em suma, os participantes não aproximam a unidade adjunta perfil à questão de gênero, como um aspecto relacionado ao feminino ou masculino que pudesse impactar na escolha profissional.

Unidade de sentido 3 – Influência das mídias para a escolha da profissão

Correlacionada à unidade de número 3, *Influência das Mídias* está alicerçada nas reflexões de Chauí (2020), especialmente quando a autora aponta que o acesso a elas, do ponto de vista neoliberal, segregam aqueles vulnerabilizados socialmente, mesmo quando estas resguardam em si um aspecto de comunicação de informações que aos jovens demonstram ser direcionamento/elucidações para suas dúvidas.

Deste modo, no intuito de verificamos como os(as) participantes entendem a influência das mídias para a escolha profissional, foi apresentada a eles a seguinte afirmação: as redes sociais como Facebook, Youtube, Instagram, e a TV, são meios de comunicação que orientam para a escolha da profissão. Quanto a opinião sobre as mídias:

P1 comentou:

> Acredito que eles podem dar um suporte, mas não orientar.

P2 falou:

> Auxilia muito na hora da escolha. Quem está com dúvida na escolha profissional pode ser uma ferramenta útil.

P3 disse:

> A tecnologia, hoje em dia, nos ajuda em tudo.

P4 teve a seguinte opinião:

> Há muita informação nesses meios de comunicação que podem dar um norte para essas pessoas.

P5 compartilhou o seguinte entendimento:

> (…) Profissões consideradas “chaves” como medicina, direito, engenharia, são fortemente expostas pelas redes sociais.

P6 disse:

> É possível conhecer pessoas na profissão desejada.

Quatro participantes entendem que as mídias e as redes sociais contribuem com informações, mas não esgotam as necessidades de subsídios específicos de orientação. Pontuam que os meios de comunicação, por vezes, enfatizam determinadas carreiras, em detrimento a outras não tão evidenciadas.

Apenas um participante entende que as mídias dão total suporte para as escolhas. É possível observar que as informações diferem quanto ao conhecimento.

Unidade de sentido 4 – Racialidade no trabalho e seu impacto na contratação

A unidade de sentido número 4, *Racialidade no Trabalho*, toma como base as reflexões que viemos realizando durante o projeto, reconhecendo que os negros ocupam no imaginário social um perfil depreciativo (Maio, 2010), que os prejudicam quanto à contratação de emprego.

Conforme as narrativas dos(as) participantes P1, P2, P4, P5, e P6, a questão racial é presentificada conforme segue:

P1: "Influencia muito, principalmente dentro de empresas tradicionais".

P2: "Ainda existe muitos casos de racismo nas contratações".

P4: "O nosso racismo é estrutural. (…) Inclusive no mercado de trabalho".

P5: "A sociedade brasileira é extremamente racista, incluindo na sua estrutura".

P6: "Vivemos numa sociedade racista ainda".

É quase unanime dentre os(as) participantes que o racismo influencia no mundo do trabalho, na contratação para emprego. Apenas o(a) participante 3 (P3), fez um registro que não se aplica à pergunta sobre o racismo no campo de trabalho.

Atrelada à unidade de sentido *Racialidade no Trabalho*, utilizou-se na entrevista individual diferentes imagens de pessoas, sendo elas uma de um indivíduo negro, e as outras duas de indivíduos brancos, com o propósito de depreender informações sobre o emprego que

elas poderiam ocupar a partir da cor/raça, abarcando também, questões relacionadas ao estereótipo/perfil e ao gênero, tendo como resultado o que segue:

P1 expressou seu entendimento sobre o racismo, a partir das imagens, dizendo:

a) Referente ao homem negro:

> (…) Ele se encaixaria ser um professor. Eu enxergaria ele assim, com uma carreira estável.

b) Referente ao homem branco:

> (…) Ele tem cara de palestrante, tipo aqueles Coaching.

c) Referente à mulher branca:

> (…) Ela como, ãn, uma professora mestranda (…), debatendo sobre um assunto (…) dentro de uma grande reunião.

P2 relatou o que pensara, como segue:

a) Referente ao homem negro:

> Ele me parece feliz, assim, é como se ele estivesse conquistado algo que ele sempre quis na vida. Talvez uma formação, talvez um emprego (…) é como se a trajetória dele tivesse sido bem triste (…), tem até a questão racial na, na, no, na, no formulário né? (…) Eu acredito que ele deve ter sofrido muito nessa, na trajetória dele.

b) Referente ao homem branco:

> Esse daqui parece TI, não sei, mas tem que, mas tem que trabalhar no, no, com tecnologia.

c) Referente à mulher branca:

> (…) Ela parece gesticulando, talvez professora.

P4 fez as seguintes observações:

a) Referente ao homem negro:

> Ele me pareceu um padre, assim, daqueles padre no ministério (…). Ele parece ser uma pessoa muito amorosa, comunicativa, não parece ser tímido, (…) vejo muito amor nesses olhos.

b) Referente ao homem branco:

> (…) Ele tem bem a cara de proletariado, (…) uma pessoa comum, (…). Trabalha como analista! É! Pode ser da área da computação (…). Os óculos passa um estigma de, de pessoas super inteligente, (…) muito inteligente na área de TI.

c) Referente à mulher branca:

> (…) Ela parece ser da área de educação (…). Parece que ela está usando um colar de búzios, então, para mim, parece ser uma pessoa que trabalha com a espiritualidade, (…) terapias Theta Healing, Astrologia.

A imagem do homem negro trouxe diferentes impressões atreladas ao desempenho de funções e/ou áreas de atividades que não ocupam lugar de destaque ou ranking de emprego mais almejado. O participante P2 encontra dificuldades em designar uma formação para ele, pressupondo ser uma pessoa feliz por conquistar um emprego, mas com uma trajetória de sofrimento atrelada à cor/raça.

No que se refere a imagem do homem branco, os participantes P2 e P4 o designaram como profissional de Tecnologia (TI) e Coaching.

Quanto a imagem da mulher branca, os participantes P1, P2 e P4 tiveram a impressão de ser ela uma professora. Mesmo uma das participantes tendo trocado a ocupação para áreas de espiritualidades e terapia, a primeira impressão mencionada é na área da educação, demonstrando um perfil previamente estabelecido para o gênero feminino.

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O conceito “sucesso profissional” é discutido em diferentes áreas de conhecimento como, sociologia, psicologia social, administração (Ituassu & Tonelli, 2012), assim como também é possível encontrar nos espaços organizados pela sociedade civil, discussões acerca das desigualdades sociais, com pontuações concernentes às dificuldades dos jovens ao acesso à trajetória profissional, que proporcione garantias de bem-estar social e de trabalho.

As compreensões discutidas nas diferentes áreas de saberes (Ituassu & Tonelli, 2012), diferem conforme suas perspectivas teóricas e, embora reservem suas particularidades nas discussões, confluem na necessidade em proporcionar intervenções para o bem-estar do sujeito, no que tange ao desempenho das funções.

Não nos furtamos em falar sobre o “fracasso profissional”, considerando a possibilidade do não “sucesso profissional” ser compreendido como “fracasso”, uma vez que ele está atrelado ao percurso profissional, à individualidade do sujeito e seus esforços.

Desta forma, quando o sujeito caminha fora dos propósitos de ser um vencedor com garantias de bem-estar social e de trabalho, ele é passível de ser rotulado como uma pessoa de fracasso, baseado na imagem de insucesso e falta de interesse. Segundo Castellano (2015) as literaturas de autoajuda corroboram com a ideia de vencedores e fracassados, frente as trajetórias realizadas pelos sujeitos no escopo da individualização, somado ao ideal neoliberal e meritocrático.

As discussões tecidas por Ituassu e Tonelli (2012), assim como por Castellano (2015), explicitam práticas que favorecem a responsabilização individual dos sujeitos, em meio as visões de mundo e ações construídas nas relações permeadas no ideal neoliberal. A partir da noção de fracasso dentro de um contexto social, é possível se pensar sobre as ações e práticas, realizar julgamentos, fazer apreciações e estabelecer estratégias para estar no mundo do trabalho, através de uma perspectiva crítica que possibilite tomadas de decisões.

5.1 Unidade de sentido Noções de Sucesso e Fracasso Profissional

As discussões que compõem a categoria noções de sucesso e fracasso profissional, retratam diferentes formas em abordar o conceito, e essas diferentes formas de expressar e/ou problematizar a questão do sucesso profissional se presentificam nas áreas da economia, direito, social, psicologia e administração, e, de forma singular, cada área vai dando contorno à categoria, assim como apresentando suas construções. As posições teóricas assumidas por diferentes autores ou áreas de conhecimentos explicitam os principais elementos que contribuem para a materialização das noções de sucesso e fracasso profissional.

Deste modo, de acordo com Treanor (2005), os aspectos peculiares ao neoliberalismo, como a flexibilização no mercado de trabalho, a cidade de origem, a hereditariedade familiar e o estereótipo da pessoa, são fatores que favorecem uma trajetória de sucesso, sendo esses fatores ferramentas que tornam possíveis o gerenciamento da própria vida e projeto de futuro.

a) Noção de Sucesso

Na entrevista, foi utilizado o recurso da imagem como expressão simbólica (González Rey, 2017) que pudesse facilitar produções de sentidos subjetivos, assim como foi solicitado que, a partir de personagens famosos, os(as) participantes iniciassem a conversa. Diante deste recurso assumido na pesquisa, o participante 1 (P1) afirmou:

> (…) A Shakira, (…) ela é muito conhecida pelas músicas delas, mas um pouco além disso, (…) ela coordena uma ONG e isso influencia também dentro da carreira dela.

É possível notar que P1, ao descrever a personagem famosa, expressa o caráter de solidariedade da cantora como uma característica que a favorece para o sucesso. A expressão sobre a ação solidária aponta para o sentido subjetivo do(a) participante, quando este(a), destaca que, não só as músicas contribuem para a carreira da cantora, mas a “ONG influencia” para o sucesso dela.

No mesmo objetivo de se iniciar uma conversação sobre sucesso, foi utilizado o mesmo recurso simbólico com a participante 2 (P2), que disse:

> (…) Alexandre o fundador da Cacau Show! Esses dias ele doou mais de um milhão de ovos, (…) pelas ações, pelas benfeitorias dele, e pelo fato dele ter fundado a Cacau Show só com quinhentos dólares. Ele conseguiu esse feito!

Notamos que P2 atribui o sucesso do fundador da Cacau Show ao caráter solidário e a ação empreendedora, como se a materialização das ações fossem fatores louváveis para o sucesso, demonstrando um sentido subjetivo ao dizer: "Ele conseguiu esse feito".

Para P4, as ações de uma pessoa famosa e de sucesso é evidenciado pelo empenho pessoal e diz:

> Famosa! (…), Cristiano Ronaldo, que é o melhor, ele é um dos melhores de todos. A história do Cristiano Ronaldo é muito legal, (…) tem muita garra, determinação, disciplina pra ele chegar, e eu vejo ele como uma pessoa de sucesso, e também uma pessoa famosa que todo mundo conhece, que todo mundo toma como referência.

Tais compreensões retratam princípios do neoliberalismo, como apontam Anderson (1995), Treanor (2005) e Paulani (1999), os quais são identificados pelos fatores de individualização, mudanças culturais, atitudes, linguagem, privatização e desregulamentação. Constituem também a noção liberal de fracasso o superdimensionamento das características pessoais (ser legal, ter garra, disciplina, etc.) e, no que se refere à mudança de atitudes, benfeitorias e empreendedorismo social.

Para os(as) participantes P1, P2, e P4, as novas formas de atitudes e de cultura, são representadas a partir das ações solidárias.

Unidade de sentido adjunta <u>Empenho Pessoal</u>

Para os(as) participantes P2 e P3, o sucesso está correlacionado ao empenho pessoal, caracterizando a individualização. Evidencia-se tal princípio porque os(as) participantes tomam para si a responsabilidade da realização do caminho a percorrer, tanto para a formação acadêmica, quanto para a inserção ao mundo do trabalho. A expressão singular de uma

determinada pessoa, permite acessar uma zona de sentido de valores que pode estar presente em um determinado grupo (Gonzáles Rey, 2017).

Evidencia-se o núcleo de sentido subjetivo referente ao empenho pessoal, quando a pesquisadora realiza a seguinte afirmação: alcançar o sucesso profissional, depende do empenho pessoal do(a) jovem.

Os participantes retratam o empenho pessoal como algo de responsabilidade do sujeito, no escopo individual, como exposto nas falas: "*tem que existir um empenho pra alcançar aquilo que almeja"* (P2), *"tudo tem que ter esforço"* (P3), sem mencionarem o Estado ou a problemática das desigualdades sociais, ou a questão racial, como se somente pelo esforço próprio fosse possível promover uma política de garantia aos estudos e de regulamentação de direitos.

As narrativas apresentadas aqui de P2 e P3 indicam para um núcleo de sentido subjetivo, quando eles falam sobre ter empenho e esforço para obter seu projeto de futuro e vida.

b) Noção de Fracasso

No que se refere à "noção de fracasso", Chauí (2020) aponta que as novas formas de expropriação e segmentação do conhecimento, subsidiadas pelos detentores do capital, vão estratificando as atividades no mundo do trabalho e, ao designarem quem ocupa determinados lugares, operacionalizam as disputas.

Chauí segue dizendo que a questão material para o desenvolvimento do trabalho gera modos de apropriação do material e linguagens específicas da área, ou seja, ferramentas inerentes ao desenvolvimento de programas tecnológicos, estabelecimento de classes de sujeitos a ocuparem determinados trabalhos, aspectos esses que vão propiciando formas de visão de si mesmo frente aos lugares à que são relegados os jovens, de modo que eles podem ter a ideia de si mesmos como inaptos ou fadados ao fracasso.

Posto isto, a ideia de fracasso (Patto, 2015), atrelada à formação do sujeito, antecedendo à entrada ao mundo do trabalho, o inscreve nos modos de apropriação dos materiais, pois nos espaços educacionais, o desempenho de tarefas está respaldado na materialidade de recursos humanos, o corpo docente, no objetivo de proporcionar conhecimentos que desenvolvam a inteligência, a visão de mundo de futuro, a interação com o meio onde se está inserido, assim

como recursos materiais (Mendes, 2011), no que tange ao material didático, tecnológico e de estrutura física.

Cabe aqui dizer que a “noção de fracasso” como resultado de “falta de interesse” e investimento para ter “sucesso” na vida profissional e demais áreas, é evidenciada na fala do participante P4, que afirma ser a realização acadêmica e/ou o desempenho profissional responsabilidades do sujeito, perpetuando um conformismo da situação de “fracasso”, sem esforços para romper com a realidade em que se encontra:

> Eu vou citar um tio meu, (…) na base dos 40 quase (…), ele não buscou crescer, não buscou estudar, não buscou desenvolvimento em absolutamente nada, nem na vida profissional, nem na vida pessoal (…). Parece que ele só vive, entendeu, só vive. Se ele tiver dinheiro ali pra comprar o cigarro dele, pra se alimentar, pra ele tá ótimo, pra ele a vida tá ótima, e eu não vejo isso como … eu vejo isso como um fracasso. Assim, pra mim, pra mim isso é uma opinião de fracasso.
>
> (…) Uma segunda pessoa, (…) é uma prima minha, (…) ela também não consegue perceber quais são as suas potencialidades pra tentar mudar de vida, tentar mudar o cenário de vida dela, o cenário de vida dos filhos dela. Parece que a gente tem que empurrar e falar: "mano olha a oportunidade que você tem aí na frente, vai, corre atrás".
>
> (…) Só reclamam! É, eu sei que as vezes não está só na mão da pessoa, mas muitas vezes está na nossa mão sim, mudar o cenário, o quadro da nossa vida. Então, pra mim pessoas de fracasso são essas pessoas que veem que não estão satisfeitas, e se colocam no lugar de vítima, e não fazem nada pra mudar.

Embora P4 pondere dizendo: “eu sei que as vezes não está só na mão da pessoa”, os esforços implementos para alcançar o sucesso e sair da condição de fracasso (Ituassu & Tonelli, 2012), compreendidos como um fator individual, não interrogam se as dificuldades para transpor a condição de fracasso e de falta de interesse estariam esbarrando em questões individualizantes, impostas pelo neoliberalismo.

O trecho da narrativa de P4 expressa um sentimento de indignação frente à não iniciativa dos atores mencionados em sua fala, e indica um sentido subjetivo de fracasso.

Unidade de sentido adjunta <u>Falta de Interesse</u>

Em relação à categoria adjunta *Falta de Interesse*, observou-se que a maioria dos participantes apresentou compreensões de não responsabilização dos jovens a condição de

fracasso, como resultado de falta de interesse às dimensões aqui apresentadas, educacional e profissional.

Ressaltamos que a reflexão crítica (Freire, 1987) proporciona segurança e apropriação da desnaturalização da culpabilização, tornando possível a existência humana (Baró, 1998), com liberdade para realização de projeto de futuro e de vida.

Foi observado, a partir da informação dada, por intermédio do(a) participante P1, o entendimento sobre a desresponsabilização sobre a condição de falta de interesse. Quando foi afirmado que o não conseguir o que se pretendia no estudo ou trabalho, está relacionado a falta de interesse, P1 disse:

> Porque depende dos fatores de vida das pessoas.

P2 externou:

> Acredito que existam vários fatores que podem interferir e isso pode acarretar em um resultado negativo.

P3 pontuou:

> Quem se interessa aprende.

P4 relatou:

> A pessoa precisa do interesse e das variações externas a seu favor para que tenha um bom desempenho nos estudos e na vida profissional.

P5 falou:

> A questão também envolve pautas sociais. Nossa sociedade não é simplesmente baseada no mérito.

P6 disse:

> As vezes, a pessoa não está no lugar ideal pra ela, onde seria aproveitado todo o potencial dessa pessoa.

Pôde-se destacar outro núcleo de sentido subjetivo a partir do posicionamento da maioria dos participantes, quando estes dizem ser os fatores externos elementos importantes a se considerar, referente à não conquista de algo. As variações externas aqui apontadas, configuram-se como expressão verbal que denota compreensão dos participantes de não existir culpa e de não haver falta de interesse, como, por vezes mencionado por outros, relacionado ao não sucesso.

As respostas apresentadas a partir dos instrumentos utilizados, ainda que elas ocorram de forma singular, indicam que as representações sociais permeiam o sujeito e, a partir delas, se inicia um processo para se pensar nas relações que se estabelecem no mundo do trabalho, por exemplo.

5.2 Unidade de sentido Aplicabilidade do Gênero no Mundo do Trabalho

Segundo Antunes (1998), na área da indústria, as contratações para o trabalho dependiam do gênero, sendo grande parte do quadro de trabalhadores homens, e em menor número, as mulheres.

Mesmo com mudanças significativas na área da indústria, a partir do setor de turismo, ainda assim se mantiveram estratificações no campo do trabalho (Antunes, 1998), reservando maior número de vagas para os homens em detrimento as mulheres.

Tal estratificação ainda é presente nos dias atuais. A questão salarial também reserva desigualdade pautada na dimensão de gênero e as mudanças trabalhistas impactam, não só na contratação, como também na divisão salarial, atrelada à categoria raça/cor.

Segundo Teixeira (2019) apud Krein, Oliveira e Figueiras (2019), “os efeitos econômicos da reforma trabalhista” (p. 53), aumentaram a desigualdade de distribuição de renda e delineou o perfil das pessoas nas ocupações de baixa renda, sendo 82,0% mulheres negras, 63,4% mulheres brancas, 72,6% homens negros e 50,5% homens brancos, que recebiam

até dois salários-mínimos nos três primeiros meses de 2018, explicitando as desigualdades, tanto de gênero como de raça/racialidade.

Teixeira (2019) tece críticas sobre as propostas de flexibilização referentes aos direitos dos trabalhadores, dizendo que as emendas implementadas na constituição a partir da EC95, não atenuou o desemprego, nem garantiu aumento significativo de superação da crise econômica e de desemprego que teve expressividade em 2015.

Tal cenário ganha força com a instabilidade econômica, e em função da aclamação da noção liberal, o sujeito se vê em condições precárias e em condições individualizantes.

Na categoria aplicabilidade de gênero, os participantes apresentam em suas narrativas convicções de que o gênero não determina a capacidade de exercer a função de trabalho, contrapondo o que é asseverado pelo mundo do trabalho referente à distinção que é realizada entre os gêneros feminino e masculino.

> A profissão não pode se basear [no] gênero. Um cargo é um cargo, todos estão aptos a exercer. (P1)

Na unidade de sentido Aplicabilidade de Gênero, compreende-se que a visão dos jovens referente ao mundo do trabalho e suas estratificações aparecem como questionamento das relações de poder entre homens e mulheres no mundo do trabalho (Martín-Baró 1990), demonstrando um romper com o discurso de forças dominantes sobre trabalhos designados para homens e trabalhos para mulheres (Antunes, 1998), como fica evidente na afirmação de P2: *"Hoje qualquer pessoa pode desempenhar qualquer profissão independente de gênero"*.

Em outra narrativa, apresenta-se a mesma consciência de que homens e mulheres têm a mesma capacidade para exercer o que eles pretenderem realizar.

> Homens e mulheres tem exatamente a mesma capacidade. Não existe isso de trabalho pra homem e trabalho pra mulher. (P4)

As reflexões realizadas pelos jovens, traz-nos um entendimento de que há, por eles, um enfrentamento da realidade imposta, pois não aceitam as coisas como são, e podem se libertar

de “gestos generosos”, como mencionado por Freire (1987), no que se refere ao fazer designado pelo outro, sem a possibilidade de realização, de criação e escolha. Como diz P5: “*Todos têm a mesma capacidade. A estrutura machista nos leva a crer que há essa diferenciação, quando não é verdade*”.

De acordo com Freire (1987), as “rebeliões” (p. 16), atitudes de enfrentamento às desigualdades sociais, são presentes na contradição "opressores-oprimidos" e tem como grande tarefa “liberta-se a si e aos opressores” (p. 17). Um libertar a partir da história, portanto, evocando a práxis na construção histórica (Martín Baró, 1989).

Unidade de sentido adjunta Perfil

A categoria adjunta *Perfil* retrata questões da personalidade intrínsecas ao sujeito, assim como relacionadas às questões extrínsecas, como cultura, linguagem, formas de organizações relacionais.

Para o(a) participante P6, *“o perfil pode influenciar nos gostos da pessoa”,* ou seja, é atribuído ao perfil um valor cultural e de organização, podendo este ser parte integrante das escolhas, apontando para o aspecto estereótipo, no que tange ao processo filosófico (Treanor, 2005), adotado pelo discurso de hereditariedade familiar e de localidade, como atributos dos valores neoliberais para o sucesso.

Apresentamos também o relato de P4 como resposta à afirmação: o perfil do(a) jovem define a escolha profissional. Diante disto, diz: “*O perfil da pessoa está relacionado com a seus valores e com seu propósito de vida. Sendo assim, o perfil deve ser a variável mais importante a ser considerada quando se vai escolher o caminho profissional”*.

Este trecho expressa o sentido subjetivo sobre propósito de vida, caracterizando que, para a participante P4, os valores do sujeito carregam um sentido importante que influi no caminho profissional a trilhar.

No que se refere ao perfil, se tem a ideia de que algumas características externas, a exemplo questões físicas, estão intimamente ligadas com o desempenho da função, como se a força física de um homem, por exemplo, justificasse um trabalho de mecânico, excluindo um perfil de características físicas feminino. Ou seja, o masculino e o feminnino vão determinando

nichos de trabalho, como aspectos de representações sociais, e neste sentido reforça uma cultura de estereótipo designado aos espaços a ocupar.

5.3 Unidade de sentido Influência das Mídias

Segundo Silva (2004), a influência das mídias, imprensa tradicional (revista, jornal, TV, etc.) e mídias sociais como Facebook, Instagram, LinkedIn e outros, um fato consolidado no mundo contemporâneo, considerando a existência de um sistema de comunicação que veicula informações para atender o interesse de mercado, pode, através da segmentação, propiciar estereótipos de ideário liberal. No entanto, para os participantes, as mídias e as redes sociais contribuem para as informações, sem mencionarem que existam nas publicidades um viés de endereçamento aos interesses de mercado, como exposto por P2: "*Auxilia muito na hora da escolha. Quem está com dúvida na escolha profissional, pode ser uma ferramenta útil*". Esta compreensão pode ser vista também na fala de P3: *"A tecnologia, hoje em dia, nos ajuda em tudo*".

Já em outra narrativa, há uma concordância referente ao meio de comunicação como uma ferramenta benéfica, mas P1 pontua haver diferença entre informação e conhecimento. Em suas palavras: "*Acredito que eles podem dar um suporte, mas não orientar*".

As discussões existentes referentes a influência dos meios de comunicação para a escolha profissional (Silva, 2004), destacam que a publicidade é parte de um processo histórico de ideal dominante, que veicula informações de interesses de mercado, de viés estereotipado, forjando valores de ideário liberalista. Embora o cenário apresentado por Silva (2004) seja uma realidade presente, entende-se que nem sempre as mídias jogam um papel negativo, podendo se configurar como "ferramenta útil", desde que elas sejam utilizadas criticamente.

Entender que elas assumem um papel de influência para as determinações sociais quanto a escolha profissional (Silva, 2004), possibilita a problematização da realidade social, cultural, econômica e psicológica, para a construção de um pensamento crítico dos sujeitos frente as determinações sucetíveis a acontecer, relacionadas aos papéis profissionais em contextos de programas de TVs e outras mídias.

5.4 Unidade de sentido Racialidade no Trabalho

A unidade de sentido *Racialidade no Trabalho*, pode ser compreendida a partir de elementos que corroboram com o entendimento de que, compete aos jovens traçarem suas trajetórias profissionais a partir de seus esforços pessoais. Trajetórias que se iniciam desde a idade escolar, quando estes, aprendem a partir de fundamentos liberais, uma visão de autogestão, evidenciando a capacidade e investimento de conhecimento, como variáveis primordiais para o sucesso profissional. Ou seja, cabe aos jovens a responsabilidade de estudar para que, através dos estudos, consigam se inserir no mercado de trabalho, sendo o foco no indivíduo e não no sistema que compõem o mundo do trabalho.

Esse mecanismo de responsabilização do sujeito sobre suas escolhas, investimentos e individualização, também esbarra na questão da racialidade, quando ao jovem é atribuído um padrão de estereótipo aceitável socialmente para a contratação de emprego.

De acordo com Maio (2010), os negros ocupavam no imaginário social um estereótipo depreciativo, limitando-os às atividades que eram endereçadas à classe pobre, como, por exemplo, empregos de doméstica, cozinheira, costureira, motorista de família, açougueiro, etc., resultando no não acesso aos recursos que eram garantidos à classe média. Mantendo assim, estratificações no mundo do trabalho.

Atrelado ao que é pontuado por Maio (2021), concernente às dificuldades de acesso às garantias de direitos que a classe média experiencia, mesmo com as mudanças de flexibilização, globalização e empreendedorismo, não houve garantias de mudança de vida de trabalho para os jovens, como comumente é pregado.

As propostas de mudanças no mundo do trabalho trazem consigo uma falsa sensação de bem-estar e de transformação, sem, de fato, proporcionar à classe trabalhadora uma segurança profissional (Harvey, 2005). Ao contrário do que se imagina, é apresentando desigualdade social econômica e dificuldades no acesso aos recursos financeiros.

Entender o racismo como uma dimensão sistêmica (Almeida, 2019), que pode inviabilizar a inserção de jovens negros no mercado do trabalho, assim como apontado por Bicudo (1955) apud Maio (2010), é um fator necessário para refletir as questões de imaginário social. As falas dos(as) participantes indicam o núcleo do sentido subjetivo de racialidade no trabalho, quando mencionam as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho enviesado pelo

racismo. O participante (P2) relatou que *"precisa ter uma inclusão racial no mercado de trabalho. Ainda existe muitos casos de racismo nas contratações*".

Já no entendimento do(a) participante P4, *"o nosso racismo é estrutural. Ele afeta em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no mercado de trabalho*". E na compreensão da participante P5, *"a sociedade brasileira é exatamente racista, incluindo na sua estrutura*".

A participante P4, ao falar do racismo como "nosso racismo" denota reconhecer o racismo como uma instância social e que, portanto, necessariamente, implica que "resistir é um verdadeiro impositivo categórico que marca a condição do ser, ou melhor, do estar sendo negro" (González-Suárez, 2008, p. 63, apud Silva & Braz, 2020), de modo que, sendo o racismo um sistema na sociedade, enfrentá-lo denota uma ação socialmente orquestrada para proporcionar novas vivências.

O estar sendo negro, aponta para o processo de reconhecimento de si para si, e da outra pessoa para o negro(a), um reconhecer-se no dia a dia possibilitando a construção da identidade, como também proporcionando oposições às mazelas presentes na sociedade.

A unidade de sentido racialidade no trabalho explicita a urgência de um olhar cuidadoso no que tange ao processo de conscientização, para refletir sobre os princípios do liberalismo, reforçados no neoliberalismo (Paulani, 1999), mantendo a desigualdade social e a lógica de subclasses.

Os participantes explicitam em suas narrativas as dificuldades das quais os jovens podem estar sujeitos no mercado de trabalho, concernentes a sua cor/raça, e evidenciam que a complexidade das discussões sobre racismo no campo do trabalho não se esgota e reflete a prática da conceituação neoliberal na manutenção do falseamento da liberdade e bem-estar (Harvey, 2005).

P1 diz: "*Influencia muito, principalmente dentro de empresas tradicionais*".

P2 pontua: *"Precisa ter uma inclusão racial no mercado de trabalho. Ainda existe muitos casos de racismo nas contratações".*

As falas dos(as) participantes indicam reflexões sobre possibilidades de enfrentamento, desde que o profissional entenda as pautas da população negra de forma compromissada no combate à discriminação, (CREPOP, 2017).

> Nenhuma empresa brasileira declara por escrito: “não aceitamos negras(os) para o cargo de chefia”. Mas o resultado é a quase invisibilidade desse segmento nos lugares de comando das grandes empresas. (p. 111)

Embora a citação supracitada seja específica à chefia, é importante destacar que a sensibilização à implicação das questões raciais, parece expressar a problematização desde a dimensão educacional, considerando que o cotidiano reflete ações de práticas pretéritas, (CREPOP, 2017).

Notamos que a invisibilidade do negro em cargos de trabalhos considerados de prestígios, como medicina, engenharia, direito, tecnologias, entre outras, se reflete nas descrições dos participantes referente a figura do homem negro apresentada na entrevista. Apenas o participante P1 o designa como professor. O participante P2 tem dificuldade em dizer que profissão poderia ocupar o homem daquela imagem. Já o participante P4 o imagina em um cargo religioso, possivelmente apontando ser um lugar com maior abertura, comparado às demais áreas de atuação. Enquanto que o homem branco da imagem é apontado pelo participante P1 como Palestrante/Coaching, para P2 como alguém que trabalha com TI/tecnologia e para P4 como Analista/TI e designado como uma pessoa muito inteligente.

Virgínia Bicudo (1995) relata que seu pai não foi aceito na faculdade de medicina em função da cor da pele, e no entendimento do então professor que o reprovara, “negro não podia ser médico” (Maio, 2010, p. 31).

Observamos, então, o que é apontado por Chauí (2008) referente ao imaginário social, que perpassa ideologia respaldada no estereótipo, prejudicando o sujeito na inserção ao mundo do trabalho, questão essa também apresentada por Erica Peçanha (2020), quando menciona sobre as construções históricas, atravessadas por imaginário que coloca o sujeito em um lugar de fracasso individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto anteriormente, as noções de sucesso e fracasso e ideal neoliberal, foram elementos que viabilizaram as discussões no vértice do mundo do trabalho, sendo elas de suma importância para pensar sobre os sentidos subjetivos que se presentificam na construção de projeto de futuro e de vida dos jovens estudantes.

Deste modo, a pesquisa sistematiza a intersecção entre a teoria adotada e as narrativas dos participantes, com base na metodologia construtivo-interpretativa.

É imprescindível destacar a importância na continuidade do estudo. Ficou evidente, que as possibilidades de análise não foram esgotadas e muitas questões continuam em aberto.

Qual é a noção do sucesso e fracasso dos jovens entrevistados? E como elas se associam ou rompem com a ideologia neoliberal? Foram estas as questões balizadoras da pesquisa.

As conceituações de Martín-Baró (1990) e Paulo Freire (1987), dentro de uma proposta de um fazer profissional que considera as especificidades da América Latina, foram fundamentais para poder pensar as noções de sucesso e fracasso profissional dos jovens estudantes, evidenciando a necessidade de superação dos impactos negativos da ideologia neoliberal, visto que ela reforça projetos excludentes na implementação de projeto de futuro de vida dos jovens periféricos.

A narrativa neoliberal tenta ignorar as relações de trabalho, cada vez mais predatórias, usando termos como “colaboradores” em vez de trabalhadores (Koralewski & Argenton, 2021), ou superestimando o empreendedorismo empresarial, escondendo a instabilidade das condições de trabalho e o papel do Estado na proteção dos direitos sociais. Nesse caso, também há valorização por habilidades sociais e emocionais, como empatia e capacidade de comunicação interpessoal, previsão de crises e insatisfação persistente, causada por demissões em grande escala e alta rotatividade das equipes de trabalho.

Neste contexto, os jovens ficam submetidos à lógica do empreendedorismo, pelo encantamento do discurso “indivíduo-empresa” (Koralewski & Argenton, 2021), sem necessariamente estarem cônscios dos resultados da supervalorização da individualidade e liberdade neoliberal, sucateamento de direitos trabalhistas, intensificação de horas trabalhadas, responsabilização pelo equipamento de trabalho etc. Uma lógica que, quando veiculada como

oportunidade de independência econômica, sem uma análise crítica, corrobora com a manutenção do *"status quo"* da desigualdade e propagação do fracasso profissional.

É importante destacar que a questão de sucesso e de fracasso abarca uma complexidade de fatores que contribuem para o estabelecimento de diferentes formas de opressão, incidindo nos modos existenciais (Treanor, 2005), os quais naturalizam as desigualdades.

Deste modo, o que se vê é a restrição das liberdades democráticas, o controle obscuro sobre o trabalho alheio e a desregulamentação dos direitos socais (Harvey, 2005; Treanor, 2005), mas que assume novas linguagens e retóricas (Patto, 2015), sem necessariamente propiciar uma postura crítica, contrapondo à responsabilização do sujeito frente aos insucessos. Até que ponto os jovens estariam atentos a estas retóricas?

Os(as) jovens relatam, em alguns momentos, que ter sucesso ou estar em condições de fracasso são trajetórias estabelecidas pelo próprio sujeito, quando este, se "*empenha para alcançar o que almeja*" (P2), ou simplesmente vive sem "*tentar mudar o cenário de vida*" (P4).

As falas dos (as) participantes P2 e P4 parecem reforçar a ideia de que é de total responsabilidade dos jovens estabelecer mudanças de vida, desvinculadas dos fatores históricos, políticos, econômicos e de diretos.

Em outros momentos, no que se refere ao empenho para alcançar o sucesso profissional, na fala do participante P1, tem-se a unidade de sentido gênero, demonstrando ser algo que foge ao poder de decisão individual, sem a intervenção de terceiros, como é exposto na fala *"vai depender das variantes que acontecem na vida de cada pessoa. Por exemplo, é mais fácil para um homem ser promovido dentro de uma empresa, muito pelo fator gravidez de uma mulher".*

Outro ponto a destacar, é a contradição que se presentifica na fala do participante P4, ao destacar que a meritocracia é um ideal, quando relata que as pessoas estão em desvantagens desde o início de suas trajetórias no mudo do trabalho: "*O empenho é extremamente importante, mas sejamos francos, a meritocracia não existe. Há pessoas que já começam pra trás, e isso pode inferir no seu processo se crescimento ou torna-lo mais lento".*

Percebe-se no parágrafo acima que P4, ao falar sobre o sucesso, destaca que o sujeito precisa tentar "*mudar o cenário de vida"*. Assim, esta contradição aponta para a importância na manutenção da discussão, para se contrapor aos diferentes aspectos do sistema neoliberal.

No sistema neoliberal, a hereditariedade familiar (Treanor, 2005) é um dos aspectos defendidos como fator que pode gerenciar a vida do sujeito, favorecendo o seu sucesso. No

entanto, embora a família tenha um papel de importância na vida dos jovens, ela por si só não abarca questões macros da sociedade, para garantir o sucesso profissional. A hereditariedade apresentada pelo neoliberalismo, constitui uma parcela da sociedade como empecilhos para a liberdade democrática.

É possível perceber que, se apartada da seguridade social e garantias de direitos em um processo sócio-histórico, a boa vontade da família para dar suporte material aos filhos, não se sustenta por si só, questão esta presente na fala do participante P1, quando apresenta os pais como pessoas de fracasso, por não terem um trabalho de estabilidade:

> É, eu posso citar os meus pais. A minha mãe, porque ela ainda não trabalha com o que ela gosta, e também o trabalho que ela tem, é..., não é de carteira assinada, então, isso faz que não tenha uma instabilidade muito grande (…). E o meu pai, apesar de ele ter o negócio próprio, é..., não é algo que seja tão rentável pra ele, assim, ele consegue pagar as contas, mas as vezes também não. É meio complicado.

Ao que parece, a partir da fala de P1, compreende-se que é preciso mais do que boa vontade para que a família proporcione condições de transformação da realidade (Martín-Baró, 1990). Demonstra a necessidade de transformações na estrutura social que produzam igualdade econômica, de gênero e raça que garantam a possibilidade da criação e escolha profissional, (Freire, 1987).

Outro aspecto a destacar na fala de P1 é que, mesmo apresentando razões que "justificam" o não sucesso profissional dos pais, não significa que haja "conscientização" (Freire, 1987) relacionada aos meandros que corroboram para o não acesso ao bem-estar social e de trabalho (Ituassu & Tonelli, 2012). Neste caso, não são apresentados questionamentos ou críticas sobre os princípios do neoliberalismo, relacionados às desigualdades sociais, ou à desregulamentação, ou à flexibilização, ou à individualização.

Quanto à aplicabilidade de gênero sobre a diferenciação entre feminino e masculino, não esteve apartada no processo histórico do mundo do trabalho. E na contemporaneidade, parece estar presente nas compreensões dos jovens que, homens e mulheres podem desempenhar a atividade que eles queiram desempenhar, rompendo com a ideia de trabalhos designados para cada um deles, (Antunes, 1998).

É interessante observar as contradições que estão presentes nas narrativas e que demonstram a complexidade do processo de conscientização. Se por um lado, alguns

participantes afirmam que o sucesso depende do esforço individual, corroborando a perspectiva naturalizante da ideologia neoliberal, por outro, a questão do gênero é refletida de maneira crítica, sendo reconhecido o machismo como elemento histórico e estrutural que promove a divisão sexual (e desigual) do trabalho. A mesma percepção histórica parece estar presente na questão da racialidade.

Na unidade de sentido *Racialidade,* a reprodução da fragmentação do mundo do trabalho é respaldada pela cor da pele, e evidencia-se nas falas dos jovens que a prática de discriminação e de racismo tem sido um cerceamento e/ou barreira para transpor sistemas que cotidianamente visam transmitir a mensagem de estereótipo depreciativo (Maio, 2010). P4 afirma que *"o nosso racismo é estrutural. Ele afeta em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no mercado de trabalho*". P5, por sua vez, reflete que *"a sociedade brasileira é exatamente racista, incluindo na sua estrutura*", dificultando a visibilidade dos(as) jovens negros como potenciais concorrentes no mercado de trabalho (Maio, 2010; Paulani, 1999).

A contradição entre uma visão histórica do machismo e do racismo, em contraste com a reprodução das noções liberais de sucesso e de fracasso demonstram a complexidade de identificar, simplesmente, se os participantes estão conscientes, ou não, da função ideológica do sucesso e fracasso no mundo contemporâneo.

Mais alguns fatores devem ser mencionados. Um deles é o impacto das mídias na escolha profissional, que corrobora para a construção do ideal de vida de sucesso, buscando como resultados um estilo de vida respaldado no reconhecimento, no prestígio, nas remunerações, na constante felicidade e realizações pessoais (Ituassu & Tonelli, 2012). Aqui, não pudemos chegar a uma conclusão acerca do papel negativo das mídias, que se apresentam como fatores relevantes para informação e escolhas dos participantes.

Por outro lado, pesquisas mostram que existe estratificação de empregos, tanto na classe pobre, quanto na classe média (Maio, 2010), fazendo com que os sujeitos ocupem posições distintas, como negros pobres e brancos pobres. Isto ficou explicito na reflexão, seguida das imagens de sujeitos brancos e negro.

Segundo o participante P1, a primeira sugestão frente à imagem do homem negro foi de ele ser um pai de família, para só então, ser denominado como educador.

> Bom, ele parece ser um homem de mais ou menos 30 pra cima. É..., poderia ser um pai de família, e ele tem cara de ser um..., ele se encaixaria ser um professor, eu enxergaria ele assim, com uma carreira estável, estável, né, e eu acho isso.

Ainda na proposta de construção de história a partir da imagem do homem negro, apresentada para o participante P2, observou-se dificuldade em descrevê-lo como um profissional de sucesso, em sua narrativa. Este trecho parece indicar que a população negra ocupa um imaginário social de dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

> Ele me parece feliz, assim, é como se ele estivesse conquistado algo que ele sempre quis na vida. Talvez uma formação [silêncio], talvez um emprego (…). É como se a trajetória dele tivesse sido bem triste, e esses dias, nesta foto, ele.., aí é bem difícil isso daí.

Tais narrativas podem sugerir a lógica neoliberal (Koralewski & Argenton, 2021) de solução para o desempregado, a partir do empenho para empreender. Considera-se que no neoliberalismo a proposta do empreendedorismo é fortemente promovida como ascensão no mercado de trabalho individual e bem-sucedido. No entanto, sua estratificação tem possibilitado gerar dificuldades de investimentos em recursos materiais, humanos e conhecimentos teórico-técnicos. Como nem todos os que se propõem implementar uma empresa têm o apoio necessário, são passiveis de frustrações caracterizadas pelas dificuldades socioeconômicas (Harvey, 2005; Koralewski & Argenton, 2021).

Com isso, vimos que as noções de sucesso e fracasso para jovens estudantes, e a ideologia de mundo profissional de prosperidade, apontam para dificuldades de compreensões referentes ao pano de fundo sócio-histórico neoliberal como atravessadores para uma construção de projeto de vida de futuro. Os(as) participantes veem suas trajetórias como um investimento de esforços para alcançar o sucesso e sair da condição de fracasso (Ituassu & Tonelli, 2012).

Considerando as dimensões aqui apontadas, no escopo histórico, social, educacional, político, psicológico, no contexto nacional latino-americano, o estudo foi subsidiado pelas teorias da libertação (Baró, 1990; Freire, 1987), pretendendo contribuir com o campo da psicologia, no propósito de refletir sobre os atravessadores que podem dificultar na construção de projeto de futuro de vida dos jovens estudantes, sobretudo os jovens que podem estar em situação de precarização social.

A pesquisa tem possibilidade de abarcar novos elementos, considerando as possíveis contradições passíveis de serem encontradas em relatos de atores que não foram contemplados nas discussões.

REFERÊNCIAS[2]

Aguiar, F. H. R. & Conceição M. I. G. (2012). *Análise da produção científica em orientação profissional*: *tendências e velhos problemas*. Psico-USF, v. 17, n. 1, p. 97-107.

Aguiar, M. J.; Soares, J. R. & Machado, V. C. (2015). Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. Cadernos de Pesquisa. V. 45, n. 155. pp. 56-75.

Alencar, Y. M. M. A.; Ifadireó, M. M. & Bitu, V. C. N. (2020). Quando a cor da pele é empecilho para a gestão organizacional: uma revisão de literatura sobre mulheres negras no mercado de trabalho. *Brazilian Journal of Development*. v. 6, n. 5. Curitiba.

Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

ISBN: 978-85-98349-74-9.

Anderson, P. (1995). Balanço do neoliberalismo. (In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23.). Recuperado de http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/giselle.souza/politica-social-ii/texto-1-balanco-do-neoliberalismo-anderson.

Andrade, Y. M. (1996). O papel do psicólogo. Conferência Universidade de Costa Rica, publicada no Boletín de Psicología UCA, 3(17). *Estudos de Psicologia 1996, 2(1), 7-27. Rev.* Yamamoto, O. H. e Pinheiro, J. Q. Texto original Martin-Baró, I. (1990). El papel del psicólogo em el contexto centroamericano.

Antunes, R.; Beynon, H.; McIllory, J. Ramalho, J. R. & Rodrigues, I. J. (1998). *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos: Reestruturação produzida na Inglaterra e no Brasil.* 2° edição. São Paulo. Boitempo Editores Associados. ISBN 85.85934-19-0.

Arroyo, M. G. (1992). *Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica*. Em Aberto, Brasília, ano 11, n.53.

Bock, S. D. (2018). *Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica.* 4 ed. ampl. – São Paulo: Cortez.

Bock, S. D. (2010). *Orientação Profissional para as classes pobres.* São Paulo: Cortez. (Coleção construindo o compromisso social da psicologia/coordenadora Ana Mercês Bahia Bock).

Braz, S. R. R. (2020). Resenha: narrativas periféricas. *Revista Gestão e Políticas Públicas*. 10(1): 172-180, 2020. DOI 10.11606/rgpp.v10i1.185887

Castellano, M. (2015). Só é fracassado quem quer: a subjetividade loser na literatura de autoajuda. *Galáxia. Online, nº 29, pp. 167-179.* São Paulo. http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120233

[2] De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

Castro, C. L. F.; Gontijo, C. R. B. & Amabile, A. E. N. (org.). (2012). *Dicionário de políticas públicas*. Barbacena: EdUEMG. ISBN:978-85-62578-17-5.

Chauí, M. (2008). O que é Ideologia. Brasiliense, 2ª ed. Sâo Paulo.

Chauí, M. (2020). O totalitarismo neoliberal. Anacronismo e Irrupción, Vol. 10, N° 18. Universidad de San Pablo. 307-328

Conselho Federal de Psicologia. (2017). Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas – Crepop. *Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. 1ª ed. Brasília.

Euzébios, F. A. (2011). *Psicologia e Desigualdade Social*. Curitiba: Juruá.

Ferreira, L. F. (2008). Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. *Teresa revista de literatura brasileira.* São Paulo, p. 300-321.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Ed. 17°. Rio de Janeiro, Paz e Terra. (O mundo, hoje, v. 21). CDD – 374.012-371.332 CDD – 371.3:376.76.

Freire, P. (1987/2020). Política e Educação. (organização Ana Maria de Araújo Freire). 5ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra. pp. 53-68.

Garcia, T. & Correa, B. (2011). Sistemas de ensino privados em redes públicas de educação: relações com a organização do trabalho na escola. Educação: teoria e prática. Vol. 21, nº 38. Rio Claro, São Paulo, Brasil. eISSN:1981-8106.

Gonçalves, Mariana Alves. (2020). Martín-Baró como inspiração ética para a construção de uma perspectiva comunitária e popular em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia 2020, Vol. 02*. Centro Universitário Celso Lisboa, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/52591/34220

Gonçalves Filho, J. M. (2017). *Humilhação Social - Alguns Elementos para o Exame Psicológico de um Sofrimento Político***.** Aulas presenciais. SP.

González Rey, F. (2007). *As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural*. Psic. da Ed., São Paulo, 24, pp. 155-179.

González Rey, F.; Goulart, M. D. & Bezerra, M. S. (2016). *Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia Educação.* vol. 39, núm. Esp., pp. s54-s65 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Recuperado de http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

González Rey, F. (2017). *Pesquisa Qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.* (Marcel Aristides Ferrada Silva, Trad.). São Paulo: Cengage Learning.

Groppo, L. A. (2015). Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1. ISSN: 1806-5023*

Guzzo, R. S. L. (2015). *Psicologia Crítica: um movimento de ruptura dentro da Psicologia.* Editora Associada Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Vol. 32 n°3. Campinas.

Harvey, D. (2005). O Neoliberalismo: história e implicações. Tradução Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364813/mod_resource/content/0/Ponto%2001%20-%2024-09-2014%20-%20HARVEY%2C%20David%20-%20Neoliberalismo%20hist%C3%B3ria%20e.

Ituassu, C. T. & Tonelli, M. J. (2012). Notas sobre o conceito de sucesso: sentidos e possíveis (Re) significações. Ram, Rev. Adm. Mackenzie, v. 13, n. 6, edição especial. São Paulo. p. 197-224. ISSN 1518-6776 (impresso). ISSN 1678-6971 (on-line).

Jornal da USP. (2021, julho). USP concede título de doutor "honoris causa" póstuma a Luiz Gama. Recuperado de https://jornal.usp.br/institucional/usp-concede-titulo-doutor-honoris-causa-postumo-a-luiz-gama/

Koralewski, R. & Argenton, G. T. (2021). De sujeito a colaborador: a privação dos direitos das juventudes na era da liberdade neoliberal. *Cadernos do Aplicação, v. 34, n.1*. Porto Alegre.

Krein, J. D.; Oliveira, R. V. & Filgueiras. (Orgs.). (2019). *Reforma trabalhista no Brasil: promessas e realidade.* Editora Curt Nimuendajú. Campinas, SP.

Lima, F. I. A. et al. (2017). A influencia da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. Rev. Bras. Psicol. Educ. V. 19, n.1. Araraquara. pp. 33-55.

Martín-Baró, I. (1998). *Psicología de la libertación.* Edición, introducción y notas de Amalio Blanco e Epílogo de Noam Chomsky. Editorial Trotta. Madrid. pp. 39-71.

Martins, S. T. F. (2003) Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. *Psicologia & sociedade; 15 (1): 201-217*. Unesp- Bauru

Melo-Silva, L. L.; Munhoz, I. M. S. & Leal, M. S. (2019). Orientação profissional na educação básica como política pública no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. pp. 3-18. DOI: 10.26707/1984-7270

Mendes, M. T. (2011). *Inclusão ou emancipação: um estudo do Cursinho Popular Chico Mendes.* Porto Alegre.

Menezes, M. G. & Santiago, M. E. (2014*). Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório*. Pro-Posições, v. 25, n. 3 (75), pp. 45-62. Recuperado de http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201407503.

Patto, M. H. S. (2015). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 4ª Ed., revista e aumentada. São Paulo: Intermeios.

Paulani, L. M. (1999). Neoliberalismo e individualismo. *Economia e Sociedade, Campinas, (13): 115-127.* Recuperado de https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643138

Peçanha, E. (2020). *Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais*. (organizadora). – [1. Ed.] – São Paulo: Editora Amavisse. 260 p. (Coleção Democracia, Artes e Saberes Plurais – IEA/USP).

Peres, V. L. A. (2019). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. *Rev. Bras. Psicodrama*, São Paulo, v. 27, n. 1, pp. 145-148. ORCID: 0000-0002-7323-0654.

Portela, C. I. M. (2008). Psicologia Diferencial: os vários temas deste ramo da psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciencias da Educação da Universidade de Coímbra. Portugal. Recuperado de https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0107.pdf

Rascovan, S. (1998). Orientación Vocaional: Aportes para la formación de orientadores. 1ra. Edición. Buenos Aires – Argentina. Ediciones Novedades Educativas.

Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado.* Curitiba: Juruá.

Saviani, D. (1999). *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. Ed. 32. Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.S). ISBN BS-BS70 1-23-4.

Sawaia, Bader B. (1999). As Artimanhas da Exclusão. Petrópolis: Vozes

Selltiz, C. et al. (1975). Métodos de pesquisa nas relações sociais. (Dante Moreira Leite, tradução). 5ª reimpressão. São Paulo: E.P.U. e EDUSP. pp. 433-495.

Silva, A. S. & Braz, S. R. R. (2020). Orientação Vocacional, Raça e Poder: implicações psicopolíticas de processos de dominação social. Revista Electrónica de Psicología Política. Año 18, N°44.

Silva, J. S. (2004). A influência dos Meios de Comunicação Social na Problemática da Escolha Profissional: o que isso Suscita à Psicologia no Campo da Orientação Vocacional/Profissional? *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 24 (4), 60-67*

Silva, Vieira, Cardoso & Campos. (2015). Orientação profissional em cursinhos populares: uma revisão acerca dos estudos brasileiros - *Revista Sul Americana de Psicologia*, v.3, n1.

Silva Junior, N. & Zangari, W. (2017). A psicologia social e a questão do hífen. [livro eletrônico]. São Paulo:Blucher. 284 p.

Sousa, L. E. E. M. (2019). Caracterização da clientela do serviço de psicologia de uma instituição de ensino superior pública. Revista Interdisciplinar de Ciência aplicada. Ceará. Vol. 4 nº8. ISSN 2525-3824.

Spink, M. J.; Cordeiro, M. P.; Brigadão, J. I. M. & Malinverni, C. (2021). Covid-19: versões da pandemia nas mídias. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. pp. 73-103.

Trancoso, A. E. R. & Oliveira, A. A. S. (2016). Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de testes, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. *Pesquisas e Práticas Psicossociais, 11(2), São João del-Rei*.

Treaner, P. (2005). Neoliberalism: origins, theory, definition. Recuperado de http://web.inter.nl.net/users/Paul.Treanor/neoliberalism.html.

Whitaker, D. C. A. & Fiamengue, E. C. (200). Ensino Médio: função do Estado ou da Empresa? *Educação & Sociedade*, ano XXII, n° 75.

Whitaker, D.C.A. (2010). Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional. Revista *Brasileira de Orientação Profissional*, Vol. 11, No. 2, 289-297.

ANEXOS

ANEXO A - FIGURAS

Figura 1: Imagem A – Homem negro, utilizada na entrevista.

Fonte: Rev. Select. Ano 09. Ed. 47. Cidade. 2020.

Figura 2: Imagem B – Homem branco, Imagem C – Mulher branca, utilizadas na entrevista.

Fonte: Rev. Select. Ano 05. Ed. 37. Crítica. 2018.

A imagem A, homem negro, refere-se à Diébédo Francis Kéré, nascido em país Africano, formado em arquitetura pela Universidade Técnica de Berlim. Atua como professor na Universidade Técnica de Munique.

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Quais são as percepções dos jovens de cursinho popular sobre o mundo do trabalho e sobre a noção de sucesso e fracasso profissional?

Nome do pesquisador responsável: Antonio Euzébios Filho.

1. **Natureza da Pesquisa**: O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar as percepções dos jovens sobre as mudanças do mundo do trabalho, e seu entendimento sobre o suposto fracasso em sua trajetória transicional entre vida acadêmica e inserção ao mercado de trabalho.

2. **Participantes da Pesquisa**: jovens e adultos oriundos do ensino médio, em contexto de cursinhos populares.
3. **Envolvimento na Pesquisa**: Ao participar deste estudo o Sr.(a) permitirá que os pesquisadores eventualmente publiquem as informações obtidas, sempre mantendo o sigilo do participante não divulgando seu nome, e sim, apenas dados como idade e grau de formação. O Sr.(a) tem liberdade de se recusar a participar, e ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o Sr.(a). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através dos telefones do pesquisador do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. **Sobre as Entrevistas**: Será realizado uma entrevista gravada com algumas questões relacionadas aos objetivos deste estudo, no qual o Sr.(a) pode se limitar a responder somente as que souber ou quiser.

5. **Riscos e Desconforto**: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos são mínimos considerando que os temas tratados estão relacionados ao cotidiano do trabalho e as entrevistas serão realizadas no formato on-line. Além disso, a*s identidades serão mantidas em sigilo. Se houver algum desconforto ou dúvida pode desistir de participar a qualquer momento, inclusive depois de responder às perguntas do questionário.*

6. **Confidencialidade**: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

7. **Benefícios**: Sistematizar, a partir do olhar de psicólogos e assistentes sociais do CAM, as demandas e as necessidades primárias e secundárias da população atendida, os principais desafios de atuação em rede intersetorial e as recomendações destes profissionais ao andamento e execução das políticas públicas, especialmente em relação às diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental e dos serviços especializados à população em situação de rua. Os resultados serão compartilhados com todos os participantes envolvidos, momento em que o pesquisador se comprometerá a dialogar novamente sobre o assunto, respeitando o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

8. **Pagamento**: O Sr.(a) não será remunerado para participar desta pesquisa. Será garantido ressarcimento das possíveis despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvidas a respeito.

Confirmo que recebi uma via assinada deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

_____

Assinatura do Participante da Pesquisa

_____

Assinatura do Pesquisador responsável

Pesquisador responsável: Antonio Euzébios Filho | (11) 3091-4365 | E-mail: antonioeuzebios@gmail.com

Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco B, sala 135. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4182

Comitê de Ética em Pesquisa USP – Instituto de Psicologia: ceph.ip@usp.br

Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4182